



João Duque de Sousa

Est. A. Manoel B. A. de Lencastre

O INFANTE D. JOÃO



m dia nos paços dos reis de Portugal havia uma familia numerosa, ligada pelos laços do sangue, que é a attracção da natureza, e ainda mais pelos vinculos da amisade, que é a affinidade do coração.

N'um outro dia, a pouco espaço do primeiro, as alegrias domesticas tinham emmudecido e as lagrimas dos principes só achavam consolação na sympathy da angustia, n'esta mystica participação, com que as dôres se repartem moralmente entre os que as padecem e os que as pranteiam do intimo do coração. A familia estava dispersa. Um rei, tendo por saudação da sua nova dignidade o luto do sentimento, que as pragmaticas não podem decretar, e que os povos rarissimo concedem aos seus supremos magistrados. Outro rei, que tivera sempre por mais luzido o sincero cortejo da familia, agora só e triste nos proprios paços aonde lhes faltavam nos filhos os seus intimos, os seus unicos, os seus verdadeiros cortezãos. O resto da familia, uns em terra es-

tranha; os outros n'esta outra terra, que é sempre natal e propria embora a dôr e a saudade se obstinem em chamar-lhe inhospita e estrangeira, — a terra do sepulchro.

No lastimar as alheias penas, ha não sei que parcialidade affectuosa em favor da infancia e da juventude. Quando ao cabo de sua carreira o velho se repousa no seu tumulto, obreiro encanecido n'este lidar tristissimo da vida, é resignada e serena a dôr, que lhe escreve o epitaphio. É uma existencia, que se tornou completa, uma arvore, que tombou depois de alastrar de fructos o seu torrão; um luctador, que jaz depois de haver exercitado o seu vigor. Mas quando é uma creança, que abre os olhos para os cerrar logo depois aos primeiros clarões de um dia estivo e radiante de luz, quando é um adolescente, que vestiu n'um dia a toga viril e no outro a despiu pelo sudario, arbusto, cujas flores apenas desabotoavam, borboleta, cujas azas transparentes e mimosas iam doirando os primeiros reflexos do sol, então a dôr tem o que quer que seja de insoffrida; é então que nos labios ardentes da Niobe antiga, desponha por entre a expressão da amargura o principio de uma blasphemia. Quando é o ancião, que dorme na derradeira estancia, a dôr é symbolisada pelo cypreste, — dôr resignada e tranquilla, que aponta para o céo, como o cimo da planta funeraria. Quando são as esperanças de uma existencia, que o destino cortou ainda em flôr, a saudade é como o salgueiro funebre, que se debruça sobre as campas, — saudade, que não póde soltar-se da terra, que para ella suspira, que n'ella busca o que perdeu, como as ramas flexuosas da arvore melancholica inclinam a folhagem pendente sobre o tumulto, que assombram e orvalham.

Tres principes, todos elles juvenis, todos elles sympathicos, todos elles promettedores de futuro largo e prospero para a patria e para si, são roubados em poucos dias aos jubilos da familia e ás esperanças da terra natal. E porque os chora principalmente o povo? É porque são grandes, porque são poderosos, porque são principes? Não. É primeiro, porque são bons; porque são mancebos; porque são affaveis e cortezes; porque são portuguezes do melhor quilate; e depois porque são filhos de tal mãe, e netos de tal avô; a primeira rainha constitucional, o primeiro fundador da liberdade portugueza.

O infante D. João foi um d'estes principes infelizes.

Nascera a 16 de março de 1842. Educado sob a disciplina domestica da mãe tão varonil e tão perfeita, como era a rainha D. Maria II, aprendeu bem cedo nos maternaes exemplos a pratica das virtudes christãs. Com os mestres, que desde os mais

tenros annos lhe foram dados, se exerceitou nas letras, tomando d'ellas o que cumpria á educação de um principe, a quem a vocação inclinava para o officio das armas.

Sendo apenas de idade de oito annos não cumpridos assentou praça de simples soldado no regimento de infantaria 16 em 4 de janeiro de 1850. Em 19 de maio do anno seguinte foi promovido a alferes do mesmo corpo. Durante quatro annos se conservou n'este posto á espera de que a idade lhe permittisse o effectivo serviço militar. Em 22 de agosto de 1855 foi elevado ao posto de major para o regimento de cavallaria n.º 4 e em 15 de abril de 1858 a tenente coronel para o mesmo regimento.

Nomeado coronel em 1860, o joven principe foi investido no commando do regimento de cavallaria n.º 2 lanceiros da rainha. D. Carlos de Mascarenhas promovido a brigadeiro deixára o regimento, em cujas fileiras havia antigamente militado em Portugal e na Hespanha com tamanha distincção e esplendor. Era difficil o encargo, que ia pesar sobre os hombros do mancebo, ainda apenas iniciado nos primeiros rudimentos da arte militar. Substituir no commando o velho soldado, a quem a experiencia amestrára em largos annos de campanhas gloriosas, ser aos dezoito annos o verdadeiro chefe de um regimento, valer perante os seus subordinados mais pelo merito e esforço proprio do que pelo prestigio de principe, tornar acceite a auctoridade militar mais pela espontanea obediencia do que pelos respeitos devidos á dynastia, era empresa, em que houvessem porventura naufragado outros principes de menos levantados espiritos e de tempera mais rebelde ás durezas e exercicios da vida militar. Era facil alcançar do rei, que o amava com affecto verdadeiramente fraternal, que lhe assignasse a carta regia, facil adornar o canhão do uniforme com os tres galões de coronel, facillimo visitar como que por distracção e desenfado as casernas do regimento, montar n'um cavallo docil e adestrado, apparecer á frente dos lanceiros formados em linha, ou em columna n'um campo de exercicio, percorrer, cavalgando gentilmente, as fileiras do regimento, e fingir n'um simulacro de auctoridade as apparencias do commando. Assim principes na essencia, e militares apenas na elegancia do uniforme e nas continencias da hierarchia, se tinham visto muitos principes, em que a vocação luctava com esta lei cavalleirosa e tradicional, com este preconceito hereditario, que impõe aos que veem de sangue regio como unica e decorosa profissão o glorioso officio das armas.

O grande Condé, ainda duque de Enghien, vence aos dezoito annos a famosa batalha de Rocroi, Carlos XII aos vinte derrota

em Narva os moscovitas de Pedro o Grande; Frederico II preludia ás campanhas gloriosas, em que ha de coroar com o seu nome a historia militar do seculo XVIII, erguendo-se ás tres horas da manhã para exercitar no pateo do palacio, em Berlim ou em Potsdam, uma esquadra de recrutas. Mas por cada Frederico, por cada Condé, por cada Carlos XII, quantos principes de sangue morrem pacificamente no leito, ao cabo de uma vida de dilicias, em vez de morrerem na sapa de Friederichshall, como o heroe sueco? Quantos não desdenham por improprios do sangue real estes nadas importunos, estas minucias da vida militar, que são na guerra os instrumentos obscuros, mas necessarios com que os Gustavos, os Turennes, os Fredericos, os Napoleões cunham na vasta officina dos campos de batalha esta moeda preciosa dos individuos e das nações, — a gloria?

O infante D. João, dedicando-se ao mister de soldado entendeu desde o primeiro dia do seu commando o officio das armas como uma verdadeira religião. Não queria ser coronel para luzir o garbo e gentileza de sua pessoa nas inglorias ostentações de uma parada. Era apenas entrado na adolescencia, quando pelo costume, senão pelo direito de principe, recebeu as insignias, que para o commum dos soldados são o premio de muitas fadigas, o galardão de muitas campanhas, muitas vezes a recompensa de feridas honrosas em batalha, e quasi sempre em Portugal a dignidade dos anciãos. Fallava-lhe eloquente e persuasiva a historia militar do soldado glorioso, a quem succedera no commando. Por quarenta annos lidára incansavel nas casernas, nos campos, nos bivaques, nos assedios, nos recontros, nos combates e nas batalhas o brioso descendente do defensor de Dio. Fôra D. Carlos de Mascarenhas notado como exemplar e galhardo cavalleiro nas cargas mais brilhantes. Tinham-n'o contado por heroe os campos de batalha da peninsula, defendendo a liberdade em um e outro reino das Hespanhas. E ao cabo de tantos annos, enfeixados tantos loiros desde a Villa da Praia até os campos de Zambrano, já encanecido, já cortado de trabalhos e enfermidades, herança forçada das campanhas diuturnas, subia apenas ao primeiro posto de general. E o principe, ainda imberbe, ainda inexperiente, ainda mal emancipado dos carinhos domesticos, ainda quasi infantil no mimoso das faces, na timidez do porte, achava-se como que de improviso constituido em tão alta dignidade militar, sem que a houvesse merecido ainda pelos seus feitos.

Não soffriam os brios do infante que elle tivesse a honra e a auctoridade sem os difficeis encargos do commando. Deram-me

em verdes annos, diria elle, um regimento para commandar; venho substituir um soldado, que foi exemplo de bravura e de pericia militar. Pois já que por meus passados meritos não gánhei o posto, — que nem o meu tempo, nem a minha pouca idade me offereceram occasiões e lances, onde arriscar a vida pela gloria, — hei de mostrar que não foi o acaso do nascimento, que me deu as honras de coronel. As insignias, que recebi quasi no berço, pelo meu proprio esforço as hei de conquistar segunda vez.

E eil-o o infante ao cabo de poucos mēzes de commando já quasi soldado perfeito, senão na experiencia, que os annos lhe não consentem, ao menos na espontanea dedicacão ao serviço da sua patria, no fervoroso desejo de aprender, na inteira obediencia aos preceitos militares, no culto supersticioso da disciplina, na pontualidade do serviço, no amor dos seus subditos, na imparcialidade do seu commando, na austeridade, com que interpretava e seguia os deveres da vida militar.

É a arma de cavallaria a mais bella de todas as invenções da arte da guerra. Que a homens rudes, campesinos, diversissimos na indole, no temperamento, nos costumes, nas vocações chegue um dia a disciplina, e com a vara magica do instructor, com o toque do tambor e da corneta, por um d'estes milagres da obediencia e da força moral, os transforme n'estas machinas-intelligentes, que se chamam batalhões; que os alinhe e perfile de modo, que não deslisem as fileiras n'um só ponto, que os forme em columnas, ora abertas, ora cerradas, que com elles edifique estes reductos vivos, que se chamam quadrados, que os faça mover como se não foram homens os elementos d'estas massas collossaes; coisa é bem para encarecer e admirar. Mas que vá a arte e a disciplina buscar ás lezirias um cavallo, que parece liberrimo, indomito, fugacissimo, todo elle viveza, todo elle instabilidade, todo elle exactamente o contraposto da ordem e da simultaneidade nos movimentos, que o enfreie, que o selle, que o subjogue, o amanse, o domestique, o civilise, o discipline; que depois aos campos e ás serranias, vá recrutar um aldeão ou um montanhez, tão livre como o cavallo, tão indocil como elle, tão alheio a movimentos regulares, tão independente e tão de si, que sósinho e á lei da natureza vagueie pelas suas solidões, que o afivelle quasi no corssel, e que de um homem e de um animal, ambos a principio agrestes, componha este centauro verdadeiro, este ser mixto, que pensa, vóa, combate e se chama hussar, uhlan ou couraceiro! E que não contente em ter improvisado o cavalleiro, que peleja independente

o isolado, — o numida, o cataphracte, o mameluko, o cosaco, ou o kalmuko, se adiante ainda a arte e a disciplina a novas ousadias, que dos cavalleiros faça esquadrões, dos esquadrões regimentos, e dos regimentos estas impetuosas tempestades animadas, que varrem ás vezes na carga sobre os campos de batalha as pesadas massas da infantaria ! Que alinhe os cavallos como se foram intelligentes, como se os incitára a emulação, o brio e o dever ; que os obrigue a executarem com rapidez e boa ordem as mudanças de frente com a regularidade de um machinismo ; que a linha se parta em fracções, que sem confusão e a seu tempo se distanceiem egualmente na formatura da columna, que todos os cavallos arranquem a um tempo ao toque de passo, de trote, de galope e que cheguem unidos diante das bayonetas dos quadrados, sem os espantar o bramido dos canhões e o fuzilar da mosquetaria ; eis-ahi os novos prodigios, a que se abalança o engenho e a perseverança, quando á guerra se applica o entendimento.

E que milagres de trabalho, de ensino, de disciplina não representa esse regimento, que vos está deleitando a vista, quando alinhado em parada, como se um cordão estendido rasasse todos os peitoraes, com os seus cavallos, que apenas, infringem a disciplina no morder dos freios, no sacudir as crinas, no escarvar o chão impacientes de repouso ; com os uniformes elegantes dos cavalleiros, com os seus penachos negros e ondulantes, com as suas lanças, que desfraldam ao vento as suas bandeirolas bicolores.

Por isso o commando de um regimento de cavallaria impõe ao official mil attentões e mil cuidados, que são desconhecidos ao official de tropas a pé. O serviço interior complica-se nas casernas com attentões especiaes a uma arma, que tem por base e elemento principal o mais nobre dos animaes domesticos. As manobras, mais difficeis de executar com precisão, quando são os cavallos que teem de se mover em ordem e em tempos regulares no campo de exercicio ou de batalha, exigem um estudo perseverante e uma continua applicação. O ensino dos animaes, o seu tracto, a sua hygiene, este quasi carinho, esta similhaça de amisade, com que o cavalleiro se prende e se affeiçoa ao intelligente companheiro das suas marchas e dos seus trabalhos, teem de ser regulados em cada dia pela disciplina e pela vigilancia dos superiores. O que parecem microscopicos *detalhes* para os espiritos desdenhosos e altaneiros são condições essenciaes do bom serviço. Um bridão mal collocado, uma barbella mal disposta, uma manta mal dobrada, debaixo do selim, um

suadouro mal enchumaçado, quem não dirá que são assumptos indignos de que a elles se abaixe um animo vulgar, quanto mais a altiva condição de um principe? Pois d'estes e de mil outros pequeninos episodios se hão de compôr os cuidados do chefe, do official e do soldado.

Quem visse o infante D. João madrugando antes da propria madrugada na parada do regimento, havia de espantar-se de que um principe na idade mais florente, quando os trabalhos repugnam, quando os prazeres convidam, quando são saborosas as noites passadas em saraus e em deleites, e as manhãs dormidas até sol meridiano em leitos de plumagem, a tudo antepozesse a austeridade do dever.

Bem pudéra elle repousar na sua recamara, por manhãs frigidissimas e nebulosas, em quanto o clarim, com as estrellas ainda a bruxolear no céo, tocava a melancolica alvorada, ou a limpeza da manhã. Bem pudéra elle nas montadas, quando a chuva caía em torrentes ou o sol estivo dardejava os seus raios abrasados, esquivar-se aos rigores do tempo, deixando ao seu immediato o commando do regimento. Muitos principes haveriam preferido as honras do posto nominal aos encargos mil vezes enfadonhos da effectiva auctoridade, mas o infante D. João não era homem para ser coronel apenas no exterior, e em realidade principe effeminado em mimos e delicias.

Quando o regimento havia de manobrar em exercicios de manhã, já o infante estava no quartel, muito antes do toque a *bota sellas*. A um creado seu, que n'um dia asperissimo de inverno respeitosamente o reprehendia de ir padecer a cavallo as injurias do tempo desde o Paço até Belem, e lhe estranhava que sendo quem era, não mandasse antes aprestar a carroagem, respondeu o principe, gracejando: Hei de ir na mesma carroagem, em que vão os outros officiaes do meu regimento. E afagando o cavallo perola, sua praça habitual, e tomando-lhe as redeas, saltou graciosamente e tendo em menos preço as suas proprias commodidades, a trote se encaminhou ao seu quartel.

Foi sempre exemplar no cumprimento dos deveres, que lhe prescrevia o commando. Sempre assiduo no serviço, os mais austeros e exemplares observadores da disciplina regimental não poderiam achar pretexto á minima censura nos actos militares do joven principe.

Não havia em todo o exercito um coronel mais affavel, mais lhano, mais communicativo, mais cortez, mais egual dos seus subordinados. Fóra do serviço era um cavalheiro pontual na urbanidade. Nas relações de superior a subordinado, soube sem-

pre temperar a auctoridade com esta bondade generosa, que não offusca, antes ennobrece e releva a preeminencia do commando. É a soberba uma vertigem, a que os principes como que são atreitos desde o berço, pela altura em que nasceram. Por magnanimos e desassombrados que sejam os seus espiritos, sempre ha lá dentro uma voz intima, que lhes está bradando a superioridade da sua condição. E se os principes são propensos á sobrançeria, não lhes ficam inferiores pelo commum os que sem terem sangue regio, estão pela fortuna ou pelo merito investidos em dignidades e commandos. Mas ao infante D. João, principe, e além de principe coronel, e além de coronel, coronel em annos tão mimosos, nunca poude alguem notar-lhe a menor sombra de que a soberba lhe deslustrasse a nativa benignidade de seu animo. Officiaes e soldados diziam a uma voz que nunca no regimento houvera um commandante mais bondoso. O soldado mais humilde, que se perfilava diante do seu coronel, para lhe expor uma queixa ou uma pretensão, estava seguro de ser acolhido sem este calculado desabrimento, com que alguns officiaes, idolatras do falso prestigio militar, fazem consistir a auctoridade na humilhação e no desprezo do soldado.

Soube sempre o infante alliar a extrema observancia dos preceitos militares com a practica de todas as virtudes christãs. No infligir castigos nem era prodigo, como os que folgam de punir, nem remisso, como os que por sua frouxidão tantas vezes relaxam os vinculos necessarios da disciplina militar. Se no circulo dos officiaes, fóra das horas do serviço, era amavel, familiar, até mesmo jovial e festivo, quanto se compadecia com a sua indole, sempre ligeiramente assombreada por uma nuvemzinha de melancholia, não hesitava o infante, como coronel, em exercer um acto de maior rigor, quando o exigia a disciplina, embora o seu generoso coração protestasse intimamente contra a necessidade do castigo.

Estava uma vez no calabouço um soldado, para quem faltas graves commettidas no serviço tornavam impossivel a clemencia. Quiz a mulher do preso tentar a piedade do infante, de quem ouvia contar maravilhas de commiserção e de bondade. Esperou um dia o infante no caminho. Com lagrimas e instancias o deteve, quando passava. Pediu, supplicou, encareceu a sua miseria e desamparo. Commoveu-se o infante, mas resistiu. Como homem e principe dizia-lhe o coração que perdoasse. Como chefe militar impedia-lh'o o rigor da disciplina. «Não posso perdoar como coronel, disse o infante commovido; mas tudo quanto posso como homem, eil-o aqui está.» E estendendo a mão á mu-

lher, que não cessava de rogar, deu-lhe liberalmente com que remediar sua penuria.

Assim como foi sempre exemplar observante de seus deveres militares, teve tambem por timbre cumprir religiosamente todos os deveres da vida civil e christã. Nunca a natural mansuetude de seu character lhe consentiu agastar-se ou deixar-se tomar da ira contra alguem. Na amenidade e repousado de seu fallar se estava espelhando constantemente a doçura e suavidade da sua alma. Na grave e modesta compostura do seu rosto e de seu porte, se estava retratando a modestia e gravidade de seus costumes. Quem o visse n'um dia de parada á frente de seu regimento, com as faces ligeiramente incendidas por um rubor quasi feminil, cavalgando gentilmente e com a firmeza de um ginete experimentado, diria que estava ali a pericia de um soldado com o exterior de uma creança, e os brios de um guerreiro na mimosa apparencia de uma mulher.

Se bem que não tivesse como o rei D. Pedro v a vocação apaixonada da sciencia, folgava de descançar das fadigas militares, refrescando o espirito pela cultura das letras. Quando o rei D. Pedro v ia ás noites assistir como o mais assiduo dos ouvintes ás lições do curso superior de letras, tinha quasi sempre por companheiro o infante D. João. El-rei tinha, como é sabido, a paixão da ornithologia. As aves eram d'entre todos os animaes os que lhe mereciam um estudo e predilecção particular. D'ellas tinha formado no paço uma opulenta e curiosa galeria, que sob sua a inspecção e superintendencia ia crescendo sem cessar. Se não era profundo em todas as vastissimas provincias em que divide a zoologia podia dizer-se com verdade que ninguem em tão verdes annos conseguira estudar e conhecer a ornithologia como el-rei. Percorrendo uma galeria, ia elle a ponto notando quaes especies e quaes generos mais se distinguiam pela sua raridade, quaes as familias e os generos, em que tal ave se incluia, segundo as diversas classificações dos mais eminentes ornithologistas. Com Carlos Luciano Bonaparte, principe de Canino, e principe tambem entre os naturalistas contemporaneos, duas vezes illustre pela dynastia e pela sciencia, vimos nós uma vez el-rei discorrer eruditamente visitando as galerias do museu nacional.

Visitava el-rei muitas vezes o museu nacional, demorando-se principalmente na galeria das aves. O infante D. João acompanhou quasi sempre a D. Pedro v n'estas suas scientificas excursões.

Se a vida, que parecia estar surrindo prospera ao infante se

não houvera desatado nos primeiros florentes annos da juventude, teria o principe associado por ventura o seu nome aos de alguns dos heroicos varões de sua dynastia, que por seus feitos memoraveis alcançaram logar preeminente na historia nacional. Estimulado pelos exemplos de seus gloriosos maiores, incitado pela indole propria, que o desprendia naturalmente dos mimos domesticos para lhe fazer apeteceveis os trabalhos da vida militar, persuadido pela vocação interior, que o estava chamando desde os annos da infancia para a profissão das armas houvera merecido que o seu nome se inscrevesse na lista, onde figuram nos fastos reaes de Portugal, os louros sempre verdes do mestre d'Aviz, de D. Henrique, do infante D. Fernando, de Afonso o Africano, e na idade contemporanea, a gloria militar do duque de Bragança.

Mas estava decretado que o infante podesse apenas prelibar a vida e a gloria. Estava escripto que o raio de luz, que lhe illuminára a frente por um momento, se escondesse nos nevoeiros do sepúlchro, como a restea de sol, que doura um instante a crista dos outeiros para se apagar entre a bruma da tempestade.

Estava ausente o infante em terra estranha, quando na lastimosa viagem do Alemtejo, fa el-rei colhendo nas funestas influições da estação e do clima, os ramos funebres escondidos nos louros e nas palmas da ovação. Parece que a providencia destinára salvar o infante D. João e o futuro rei de Portugal. Estava o desventurado mancebo na vespera de grandes e cordiaes festejos, com que o imperador se propunha de celebrar em Compiègne a visita dos infantes de Portugal. Ao mesmo tempo agonisava el-rei. O infante D. Fernando repousava na crypta de S. Vicente. O infante D. Augusto sentia no seu leito de dor o bafejo d'esta aura deleteria, que apestára n'um dia os paços da dynastia de Bragança. Não consente o luto publico, a angustia do trance, a commoção dos animos, que os infantes ausentes, descuidosos do que vae pela sua patria e pela sua casa assistam por mais tempo na hospitaleira corte, que lhes prepara sumptuosa recepção.

Á entrada no Téjo o que fôra apprehensão era certeza. As festas de Compiègne tinham-se mudado pelas agonias do encerro e da saudade no palacio de Lisboa. De tronco ha poucos dias tão florente já são prostradas duas vergontas; uma está pendente e salva-a um milagre de Deus e um milagre da sciencia. Mas não estão ainda cumpridos os temerosos decretos da Providencia. A aza negra do anjo da morte passa, roçando pela frente do infante

D. João. A mesma cruel doença, que ferira D. Pedro v, e o infante D. Fernando, poz termo em breves dias á vida do infante D. João. Ainda ha pouco, com a dor no coração, com a angustia na alma, que nada póde confortar, com o crépe a ondear-lhe no braço e na espada, o infante, ainda gentil, ainda galhardo militar á frente do seu regimento, presta junto ao jazigo dos reis as honras derradeiras ao irmão affectuoso e predilecto. Assiste ás suas proprias exequias, como no campo de batalha o bravo, que tem o seu nome invisivelmente escripto n'uma bala, disparada algumas horas depois, vota os ultimos officios da amisade ao seu companheiro de armas, e enxugando as lagrimas e retemperando o animo com o estridor da artilheria e com a vertigem do combate, se precipita sobre os esquadrões contrarios e á noite quando estão já mudos os canhões e o silencio domina na planicie, repousa para sempre tambem no valle solitario e melancholico ao lado do amigo, que tanto amou.

J. M. LATINO COELHO.

UM CAMÕES E DUAS NATERCIAS.

(Vulgaridade-romantica)



na Maria Gaioso deu á luz um filho parvo a 13 de janeiro de 1827, e baptizou-o com todas as formalidades do rito catholico na parochial egreja de Santos-o-Velho d'esta cidade de Lisboa, pondo-lhe por nome Lourenço Lino Gaioso, sendo padrinho um alfaiate amigo do pae da creança e madrinha Nossa Senhora do Monte do Carmo.

A verdade do que fica escripto póde o leitor incredulo verificar no livro dos assentamentos de baptismo da referida egreja parochial a paginas 155 verso, e lá verá tambem que Lourenço, filho de outro, estivera a ponto de fazer uma simples viagem de cerimonia a este mundo, tão engoiado e mal engendrado nascêra.

Comprovada como fica a religião e filhamento do heroe d'esta narrativa, resta-me dizer o que a policia pensava do seu physico, copiando textualmente os signaes de um passaporte por elle tirado em 1849 para ir ás provincias do norte, com que intuito não resa a historia. O tal papelucho policial dava de Lourenço Lino as seguintes

pouco tentadoras informações. Magro, olhos castanhos, bocca grande, cabello corredio, estatura regular e um pouco zambro. Signaes particulares nenhuns. Profissão, homem de letras.

Como o leitor já fica sabendo com quem tem de tratar, dir-lhe-hei agora como é que nós fizemos conhecimento com Lourenço Lino, e colhemos algumas particularidades ácerca da vida das duas Natercias de que resa o titulo d'esta desambiciosa e muito veridica historia.

O conhecimento com elle foi assim. Uma noite entrámos nós n'um dos botequins de Lisboa, e sentamo-nos. Defronte de nós estava tambem sentado um homem com cara de poeta que levou um pontapé da fortuna. Vestia com uma certa simplicidade affectada, e denunciava-se logo a quem entrava por uma d'estas tosses sêccas — vulgarmente chamadas de cão — que ferem o ouvido como uma voz do sepulchro. Em vez de lhe acalmar as furias com um capilé morno, o mais sonso paliativo da medicina caseira, o nosso poeta, epico até na trivialidade, acabava de esgotar o seu terceiro calix de absyntho puro, e estafava os restos de um pulmão em ruinas na heroica empresa de tirar duas fumaças seguidas de um charuto de vintem. Vendo a cova já aberta entretinha-se em plantar-lhe os ciprestes.

De vez em quando tirava da algibeira um retrato de mulher e punha-se a olhar para elle como um basbaque. Humedeciam-se-lhe então os olhos de lagrimas, saccudia a grenha como para affastar de si uma idéa importuna, e guardava no seio o retrato da vibora que tão deveras lhe cravára o dente.

O homem estava decididamente n'uma d'estas dolorosas situações da vida de que os philosophos escarnecem, mas em que todos, mais ou menos, se deixam entalar. Lourenço Lino estava apaixonado.

Desde já peço perdão se no decurso d'esta historia disser alguma grande heresia a respeito do amor, mas começo por me declarar convencido de que é a unica doença conhecida que não tem diagnostico, nem dias certos de crise.

Se chega deveras vai-se de cabeça abaixo com ella; se é apenas um ameaço ligeiro são tantos os medicamentos infalliveis que não ha pharmacopea que os indique todos, nem theorico que abrace de memória a sua vasta nomenclatura.

Ha um achaque, ainda não está bem precisado qual seja, que a crenadeira boa fé do nosso povo alcunha de *espinhella caida*. Permitta-se-nos aventurar aqui, de passagem, uma opinião que talvez dê alguma luz á sciencia, e sirva de estimulo a futuras indagações sobre o caso. A verdadeira espinhella caida é o amor. Será esta nossa conjectura um absurdo? Deixemos a quem competir a resolução do problema, e voltemos ao nosso assumpto.

Lourenço Lino (o nome inculca pouco mas era o d'elle) bebeu com a gravidade de um inglez o seu ultimo copo de absyntho, levantou-se, conchegou a golla do casaco, e sahiu do botequim fazendo sempre esforços sobre-humanos para domar a rebeldia de um charuto que estava requerendo as galés para o fabricante.

Ainda bem Lourenço Lino não tinha posto pé na rua chegou-se a nós um amigo e perguntou-nos: — conheces aquelle rapaz que sahiu? Á nossa resposta negativa, o futuro Plutarcho do filho de Anna Maria tomou a pachorrenta attitude de um narrador disposto a não converter em fabulas a historia, e replicou-me: pois então ouve que tem graça. Dadas do nosso heroe as informações que o leitor já conhece, com a authenticidade que requeria esta veridica narrativa, oiça agora como foi que Lourenço Lino nasceu fadado do berço para andar no amor como o menino nas mãos das bruchas, hoje atacado de uma inclinação aguda, amanhã enredado n'uma incuravel paixão chronica.

Aos 17 annos Lourenço Lino era um verdadeiro quebra esquinas. Em vendo saias ficava o nosso homem de bocca aberta e nunca lhe minguavam os pretextos com que justificar as qualidades phisicas e moraes das sereias que o enfeitiçavam.

Depois de um leve tiroteio amoroso com uma capellista do seu bairro, que pozera a quitanda, segundo diziam as visinhas, com vinte moedas que lhe legára um celibatario de quem fôra creada, julgou-se o nosso Kleber habilitado para campanhas de maior vulto, e desatou-se a namorar a torto e a direito como um desamparado da providencia divina.

Os gallegos das esquinas andavam n'uma roda viva com elle, tantos eram os recadinhos que Lourenço Lino mandava diariamente ás suas requestadas, e tantas as replicas que lhe chegavam em papel côr de rosa, e orthografia biscainha. Á custa do estomago folgava o coração do poeta. Até aqui a historia é trivialissima, e foi só para não atropellar a chronologia que d'ella fizemos menção. A primeira unha de que lhe ficou arranhadura foi a seguinte.

Uma bella manhã de primavera passeava Lourenço Lino no passeio publico da Estrella, embebido, como era o seu costume, em cogitações eroticas. Pela sua habitual fartura poetica eram-lhe poucos os dez dedos das duas mãos para contar as oito syllabas de um verso que desde vespera lhe faltava para remate de uma ode. De repente estaca, perde felizmente da memoria o tal verso, a que já sobravam duas syllabas, e cái do cume do Parnaso na prosa vil d'este mundo das realidades. Lourenço Lino avistára a mulher que lhe havia comecar a ensaboar o juizo.

Com este feminino instincto que tem as namoradeiras para conhe-

cer os lapuzes, viu logo Laurianna (que destemperado nome para heroína de um romance!) a profunda impressão que causára no espirito do seu pasmado admirador, e resolveu-se a tirar o partido possível de tão casual encontro.

Duas palavras a respeito da Natercia numero um. Laurianna, era uma d'estas raparigas mal educadas que sabem quando muito dar uns pontos n'umas meias, e marcar pombinhos com retroz vermelho. Se a leitura d'ella era uma lastima, a escripta não lhe ficava atraz. Assignante de romances traduzidos do francez, d'estes que se empurram a dez réis a caderneta, a cabeça era-lhe um laboratorio de parvoeiras sentimentaes que lhe sahiam dilluidas n'uma conversação chata e pegadiça. Tiral-a da janella para os trabalhos da casa era pôl-a de mau humor pelo menos vinte e quatro horas. Tinha 23 annos a Ella de Lourenço Lino, mas, quem lhe chamasse bonita, dizia inquestionavelmente uma grande baboseira. Os relentos que Laurianna apanhára no seu officio de chilriadeira nocturna tinham-lhe dado á voz um timbre masculino que ella mettia ambiciosamente no rol das suas prendas. Ouvil-a discorrer sobre a maldade dos *cavalheiros* era da gente não saber o que mais havia de admirar, se o desengraçado da phrase, se o pertencioso da preleção philosophica. Esgravatando na historia saccára Laurianna á luz do dia uma lista geral das suicidas por amor, e o epiphonemo de toda a sua erudicção era este — oxalá que eu seja a ultima das victimas!

Para uma alma de cêra, como a de Lourenço Lino, este pio funebre fazia-lhe arripiar os cabellos de susto e tranzir-lhe de piedade o coração. Se eu fosse endinheirado, dizia elle ás vezes com os seus botões, esta mulher, este achado, esta creatura celeste não havia pertencer senão a mim. Ella, que já o avaliára pela algibeira do colete, accitava-o para as horas vagas sem prejuizo de preferir um homem que lhe tirasse o pé do lodo. Assim corriam as cousas quando o nosso poeta, abrindo um dia os olhos, conheceu que a constancia não era o sentimento moral favorito da sua Natercia. Posto uma vez á bocca o copo da triaga que remedio havia senão esgotal-o até ao fim. Para entrar na sua projectada empresa com desafogo, Lourenço Lino que tinha a candura de não conhecer o ridiculo, nem em si nem nos outros, tendo visto no theatro que os principes se disfarçavam ás vezes em simples aldeãos, para saber se eram amados por si ou pelo esplendor do throno, lembrou-se tambem de uma mascarada, e appareceu uma bella noite debaixo das janellas de Laurianna tão degeitosamente caracterisado, que, se a lua não estivesse escondida, matava de riso a visinhança toda. Dado o classico assovio de chamento, Laurianna largou barcos e rêdes e chegou á janella, pelourinho de seu credito e do socego de Lourenço Lino.

Ao ver um vulto pasmado a olhar para cima, Laurianna, que não isemptava ninguém do seu recrutamento, tossio como quem diz «aqui me tem» e preparou-se para ouvir a saraivada de declarações amorosas que ella escutava sempre com uma seraphica beatitude.

Foi então que Lourenço Lino desfarçando a voz, e tremendo como varas verdes, começou depois de ardentes juras a fazer o inventario dos proprios defeitos, compromettendo-se a documentar todas as suas asserções.

Depois de um momento de silencio, quando o poeta esperava vêr a indignação troar na voz da sua Natercia, cahiu-lhe de repente no ouvido esta summaria sentença: «Não faça caso d'elle que é um parvo!»

Lourenço Lino esfriou como se o mergulhassem no Tejo, sentio subir á bocca uma lufada de colera, mas amparado da sua natural bonhomia, e do conhecimento da ridicula posição em que estava, Lourenço Lino fez um esforço sebrenatural, e annexou á ladainha um outro:

— E que parvo!

A quem o diz! replicou Laurianna. Isto de poetas são como as moscas, chegam-se para onde acham o mel. Conheço vai para um anno o tal pacovio e ainda me não deu senão suspiros e uma photografia... olhe, hei-de-lhe mostrar o retrato do urso.

Faz-me muito favor, minha senhora, respondeu o poeta espumando de raiva, e vergando ao pezo de tantas humilhações.

— Ha de me dizer depois em consciencia se aquillo é gente; continuou Laurianna dando uma gargalhada, os olhos são umas ervilhacas, e se ainda não foi a Roma não tem sido por falta de bocca. Se vossa senhoria é nervoso não veja o retrato de uma vez que póde rebentar de riso.

Aqui Lourenço Lino tomou tão alto a respiração que lhe rebentaram os cozes das calças, mas, disfarçando cada vez mais a voz, perguntou-lhe: Então que tenciona fazer do animal?

— Dal-o de presente a quem tiver o mau gosto de o querer aceitar.

«Então ama-me?

— Ora!

«Diga-me: sim, ou não?

— Ora!

«Assim nada se adianta; devo ter esperanças?

— Ora!

Se Lourenço Lino não fosse um incorrigivel choramigas estava já sobejamente vingado com os tres deslavados. «Ora!» de D. Laurianna: mas elle tanto insistiu, tanto quiz sondar a profundidade de seu mal,

que ouviu cara a cara, mas sobrescriptada para outro, a seguinte declaração.

— Se o amo!... (aqui D. Laurianna estacou á procura de uma entonação ingenua) Pergunta-se acaso á rosa... quero dizer á donzella... venho eu a dizer na minha... Olhe, chegue-se mais para a parede, que mora ali defronte uma tecedeira que dá fé de tudo o que se passa na visinhança.

O poeta cozeu-se com o muro como um lagarto, e D. Laurianna foi seguindo o seu caminho d'esta maneira.

— Que maior prova quer do meu affecto do que estar-lhe agora fallando a deshoras sem licença da mamã? Dirme-ha que eu fazia outro tanto ao tal cantor de lôas, mas isto de raparigas ás vezes... eu não sei se vossa senhoria me entende? O martyr deu um grunhido de annuencia, torcendo e retorcendo os dedos, em risco de ficar para o futuro sem ter por onde medir os versos.

— Os cavalheiros dizem que nós as mulheres não sabemos amar, mesmo quando corremos o perigo, como eu n'este momento, de passar aos olhos do mundo por uma estouvada. Adeus, adeus que lá está a mamã a chamar-me... O dito, dito não tenha ciumes d'aquelle gato bravo de Lourenço Lino. Se o conhece repare-lhe para a cara, e verá se elle não anda cá n'este mundo com licença do cemiterio. Agora peço-lhe que não vá dizer para os botequins que eu tive a fraqueza de lhe dar ouvidos. Boa noite, amorsinho.

Como Lourenço Lino saíu d'esta entrevista é impossivel descrever-se. Outro qualquer, no logar d'elle, fa no outro dia descalço e de romaria ao Senhor dos Passos da Graça, folgando de ver-se livre de semelhante linguareira. O nosso poeta caíu de cama com uma febre que o teve quinze dias suspenso entre a vida e a morte, e que o cirurgião attribuiu conscienciosamente a um embaraço gastrico!

Apenas convalescente desenvolveu-se em Lourenço Lino a bossa da tragedia. A sua idéa fixa era matar ou morrer. Como preparatorio para a execução classica do seu plano, releu algumas paginas do Tacito para retemperar o animo, e passou noites inteiras devorando Corneille, e estudando o modo de morrer com a dignidade conveniente ao seu character. Uma unica vulgarissima consideração lhe sustinha o braço. A consideração era esta. Morrendo, o seu epitaphio seguro era uma gargalhada de D. Laurianna: matando via em perspectiva a costa d'África. Apertado entre este inevitavel dilemma resolveu-se o poeta a addiar os seus funerarios projectos, e a pedir á rhetorica a reabilitação do seu pundonor amachucado pelos sarcamos de D. Laurianna. O futuro de Lourenço Lino estava na estampilha de uma carta.

Em quanto o poeta sonhava acordado todos estes destemperos,

D. Laurianna não sabia a que attribuir a sua prolongada ausencia, e mordia-se de raiva com a idéa de ter sido ludibriada na conversação que tivera vinte dias antes da janella abaixo. Seria o tal sujeito um emissario, um espia de Lourenço Lino? ou seria elle proprio disfarçado, para conhecer até que ponto a sua infelicidade era certa? Esta ultima conjectura não tinha para D. Laurianna nenhuma especie de plausibilidade. A moda dos amantes de sombreiro derrubado e de espadim occulto não era d'este seculo, nem que o fosse estava em harmonia com a mansidão lyrica de Lourenço Lino. O que seria pois? Uma bella manhã entretinha-se D. Laurianna em correr a ferro a espiguiha de um cabeção, quando lhe apparece de repente o correio de porta com uma carta. Felizmente estava n'aquelle momento a respeitabilissima mãe de D. Laurianna na cosinha fazendo por uma velha receita uma experiencia culinaria, e tão absorvida na exacta medição das dozes que não sentiu tocar á campainha. N'um repente conheceu D. Laurianna a letra do poeta, e com a serenidade de espirito que nunca a abandonava, sentou-se, sorriu com o desdem de uma princeza de comedia, abriu a carta e leu: «Minha senhora...»

Este tratamento foi-lhe logo indicio de um grande reviramento nas opiniões do poeta, não obstante D. Laurianna tomou mais commoda posição na cadeira e proseguiu:

«Os cegos de amor tambem se curam. Alcunhado pela pessoa a quem amava de cantor de lôas, de parvo e não sei de quantos mais benevolos epithetos, entendo não dever continuar a mendigar o seu affecto.

«Accusam ás vezes os poetas de faltas que não são d'elles, mas sim das musas que os inspiram. Em quanto eu fiz Castalia do seu pote d'agua, e Helicon do patamar da sua escada, a minha poesia havia naturalmente ser chilra e rasteira, como o timbre da chancellaria em que era visada.

«Reassumindo a minha dignidade de homem, e atirando ao Lethes as suas pouco lisongeiras descripções, sou, como devo, seu

Venerador e servo

Lourenço Lino.

Se o poeta não tivesse entrado tão fundo pela mythologia a fórma da sua carta era a que convinha para amaciar as erupções de vaidade da tosca inspiradora das suas primeiras nenias. Os resultados pelo menos assim o demonstraram.

Costumada até ali a mudar de namorados como de aguadeiros, esta despedida brusca do homem que ella suppunha atado de pés e mãos ao seu carro de triumpho desorientou-a de tal maneira, que a não

deixava atinar com o melhor expediente a seguir em tão complicada crise. Correndo pela memoria o vasto cathalogo dos amores mortos de apoplexia fulminante não achava lá coisa que se parecesse com o desenlace imprevisto de seu romancesinho. Alguma vez na sua vida havia Lourenço Lino Gaioso ser original!

Depois de algumas lagrimas, troco miudo de todas as transacções femininas, lembrou-se D. Laurianna de uma tia velha que tinha ahi para as bandas de Alcantara, creatura de bom conselho em negocios amorosos, e resolveu ir consultal-a. Em quanto rapariga a senhora D. Justina, hoje desenxovalhada matrona dos seus cincoenta e tantos annos, déra sota e az a todas as namoradeiras do seu tempo, e lia ainda de cadeira nas mais arrevesadas questões de amor.

Se não fosse a modestia podia D. Justina publicar um curioso livro intitulado *Epistolographia militar*, tão aturada fôra em solteira a sua correspondencia com o exercito, e tão cuidadosamente archivára os mappas do numero dos seus adoradores effectivos e licenciados. Casada quinze annos, consta que o marido nunca tivera um dia occasião de se lisongear com a escolha que fizera. Viuva, mas ainda fresca, a visinhança não a tinha na conta de santa, e boquejava de um procurador que a visitava mais a miudo do que convinha para o andamento regular dos negocios da casa.

Foi com esta tia modélo que D. Laurianna decidiu ir aconselhar-se! Feita a exposição do caso, desfigurados os episodios d'elle, e posto Lourenço Lino pelas ruas da amargura, tomou D. Justina a palavra, e formulou a sua opinião pouco mais ou menos n'estes termos.

Em geral, a mulher que se mata por homens é tola uma vez; e duas a que se rala com as furias poeticas de um matuto como era o tal cego da sanfona que te namorava. Se queres um conselho ahi vae. Por esse mundo de Christo não falta quem vista calças. Fica tu cá em casa tres ou quatro semanas, acompanha-me á missa das freiras Flamengas, e se não achares logo no segundo domingo quem te faça esquecer os desconchavos do escrevinhador que te deixou, Justina da Conceição se não chame tua tia.

O praso marcado por D. Justina era de sobejo para a experiencia. Logo no domingo seguinte safu D. Laurianna da missa das freiras acompanhada por um rancho de bedamecos attrahidos por um pé de duvidosa exiguidade, que, a pretexto da muita lama, a dona descobria arteiramente até ao tornozello. D'ali a uma semana os cabos de policia apitavam a bom apitar, e os municipaes acudiam pressurosos ao lugar aonde dois esforçados paladinos esmurravam cavalheiramente os queixos um ao outro. Passados tres mezes estava D. Laurianna casada com um galhardo caixeiro de uma loja de fazendas brancas, que d'ahi a outros tres mezes requeria judicialmente um divorcio

*

fundando-se n'estas solidas razões. Que sua mulher estanceava dias e dias á janella sem cuidar dos arranjos domesticos. Que em occasiões de mau humor quebrava tudo o que lhe caía debaixo da unha, acompanhando os seus vandalismos com um chuveiro de pragas que offendiam os castos ouvidos da visinhança. Finalmente, mas isto não jurava o caixeiro, constava-lhe por pessoas bem informadas haver um sargento da municipal que rondava a sua rua e com especialidade a sua porta, com mais zêlo do que parecia requerer o serviço publico. O resultado d'estes queixumes foi voltar D. Laurianna para a companhia da tia Justina (a mãe tinha-lhe morrido de uma catharral) e viverem d'ali por diante, tia e sobrinha, com menos recato do que pedia a idade de uma, e aconselhava a posição especial da outra. Da primeira Natércia foram estas as informações que podemos colher, e que deviam ter aberto os olhos a Lourenço Lino ácerca das velleidades e caprichos do bello sexo, se a cabeça do poeta não fosse uma ventoinha que todos os ventos faziam girar, e o seu coração uma estalagem aberta a todos os amores de torna viagem.

Mal convalido ainda da grande surriada que lhe pregára D. Laurianna, começou Lourenço Lino a deitar os olhos para a filha de um antigo padeiro, que emprestára n'outro tempo valiosas sommas ao governo, quando o governo andava como um mendigo a pedir dinheiro emprestado a toda a gente.

Chamava-se Bartholomeu Gaspar o ex-padeiro, e o seu maior desgosto cá n'este mundo era ter nascido sem um appellido, embora vulgar, que o salvasse da sovinaria de dois nomes proprios, habilitando-o a uma genealogia qualquer. Um fabricante de fidalguias já o quizera entroncar, ou para melhor dizer enxertar, n'uma familia conhecida da Beira Baixa, mas quanto mais proximos vinham os rebentões da florida arvore dos Gaspares mais atrapalhado se via o genealogista em convencer o escrivão dos filhamentos de que o nosso Bartholomeu era o que dizia, e desejava ser. Um viscondado tapava todas estas mazellas, mas, ignoram-se as razões, o padeiro achára sempre repugnancia em todos os ministros quando fallava em se fazer fidalgo. Bartholomeu Gaspar era viuvo e tinha uma filha unica, a sr.^a D. Miquelina, menina que tocava pianno, cantava, lia folhetins, e ensinava o pae á mesa a pegar no garfo, coisa para que o antigo padeiro tinha uma negação formal. D. Miquelina governava a casa, punha e dispunha de tudo sem que Bartholomeu Gaspar a contrariasse nem lhe fosse á mão em coisa alguma. Frequentava a menina o theatro de S. Carlos, e em quanto o senhor seu pae bocejava ouvindo os mais inspirados trechos de Bellini ou de Verdi, atirava ella os olhos como dois anzoos para a platéa com a innocente intenção de pescar na turba-multa alguns namorados, dentre os quaes podesse

mais tarde escolher um marido. Uma noite caiu a sorte sobre Lourenço Lino, que abotoado até ao pescoço e com cara de poeta desenganado das coisas do mundo, escutava com um sorriso sardonico a voz possante do Fraschini cantando a paraphrase corriqueira do moto desalmado de Francisco I.

As sorrateiras olhadellas de D. Miquellina correspondeu desde logo Lourenço Lino com um sentimentalissimo reviramento de olhos, e tão significativo foi elle que immediatamente conheceu D. Miquelina ter mais um captivo algemado nos ferros dos seus, diga-se com verdade, problematicos encantos.

Ao acabar a opera Lourenço Lino foi, como mandam as boas praticas dos requestadores theatraes, esperar D. Miquelina á porta vulgarmente chamada do Picadeiro. Se o poeta fosse supersticioso e crendeiro havia por força arrelhar com o nome do sitio em que a sua bella tinha de estacionar antes de lhe chegarem a carroagem. Nas suas pouco pronunciadas tendencias para a nobre arte de Marialva, o picadeiro deveria parecer ao poeta um sanguinolento epigramma, se todas as faculdades de seu espirito não estivessem empenhadas em sobredoirar de gentís devaneios a primavera dos seus novissimos amores. Apareceu-lhe por fim a menina dando quebradiçamente o braço ao papá, que, apesar de ser em janeiro, suava como um carregador da alfandega, embrulhado como vinha em cinco amplissimas dobras de uma manta de lã vermelha, usança que a filha não pudéra nunca convencil-o a abandonar, apesar de todas as suas instantes rogativas. Lourenço Lino estava no seu posto. Do ultimo degrau da pequena escada por onde D. Miquelina tinha de passar para sair á rua fizera o poeta o seu observatorio amoroso, e foi de lá que elle avistou a pallida estrella que se avisinhava legalmente rebocada pelo braço paterno. Rasgar de repente uma pagina da sua carteira e escrever-lhe a lapis duas rajadas de poetico delirio foi obra de um momento. Quando o ex-padeiro passava hombro com hombro pelo milhano que lhe espreitava a prole, entregou Lourenço Lino audaciosamente o seu bilhete á menina, que, apreciadora dos lances romanescos, cuidou ver no cerzidor de linhas curtas o descendente de algum dos heroes das cruzadas, ou pelo menos algum denodado companheiro do rei Arthur de poetica memoria. Contento de si e da sua façanha, dirigiu-se o nosso homem ao Marrare, comeu dois ovos fritos, regou-os com dois copos de Madeira, tomou-lhe chá em cima como incentivo a uma feliz insomnia, e recolheu-se para casa passando mentalmente em revista todas as provas visiveis e invisiveis do poder de Deus em cujo numero entrava a creação da mulher, mesmo apesar da serpente, e de todos os mais reptís que teem imitado a sua collega, tentando as Evas com o pomo do palavriado, ou da moeda circulante. Escusado

é dizer que o poeta viu nascer o sol recrutando methaphoras e arrebanhando allegorias para uma poesia intitulada «Mysterio» em que elle tencionava ensopar-se de lagrimas, e enchugar-se depois com as brisas tepidas da esperança. D. Miquelina chegou a casa, e (oh! prosa das prosas!) descalçou uma botinha que estivera toda a noite a roer-lhe um calcanhar, e desfez-se dos emprestados «fios de oiro» que lhe estavam derreando com o peso a minguada fazenda propria. Assim meia Venus, meia simples mortal, atirou-se D. Miquelina para uma poltrona, e leu, ou para melhor dizer decifrou o novello caligraphico do poeta. Lourenço Lino vencêra Cezar na concisão do estylo: «Vél-a é a vida; o seu despreso será a minha morte!» E nada mais resava o papelucho a que me refiro. A farta inspiradora d'esta magra declaração amorosa sorria ainda quando a criada a veio avisar que estava a ceia na mesa.

Comeu rasoavelmente a menina, beijou a mão paterna, despediu-se, deitou-se e foi pedra que cafu em poço, sem um suspiro, sem um sonho, sem nada que lhe revellasse a chamma em que outros ardiam por sua conta.

Ao outro dia andava já o poeta no seu fadario correndo a rua de alto a baixo, fazendo ás vezes quartel general á porta de uma pobre mulher que vendia fructa, e destacando de lá, arvorados em ajudantes d'ordens, quantos compostellanos de facil trato acertavam de passar por junto da lócada da vendedeira. Um mez decorreu ainda em cartas e recadinhos de parte a parte, com mediocre entusiasmo como depois se verá do lado de D. Miquelina, e com um fogo que era incendio na paspalhona organização do poeta. Abro aqui parenthesis para pôr o leitor ao facto de uma circumstancia attendivel, e que illucidará o desfecho d'esta veracissima narrativa. O ex-padeiro apesar de ser homem todo dos interesses materiaes, como hoje se diz em linguagem politico-progressista, tivera já depois de viuvo uma escorregadella de coração com uma formosa moçoila de Aveiro, o que déra em resultado haver o sr. Bartholomeu Gaspar um herdeiro do seu nome, e D. Miquelina mal parada metade da herança paterna. Apenas por informações officiosas de um visinho linguareiro soube Bartholomeu Gaspar que sua filha era galanteiada por um pifio fazedor de versos, avinagrou-se-lhe o animo naturalmente pacifico, chamou a menina e fez-lhe a seguinte falla.

«Sou informado que vocemecê anda com a cabecinhã no ar, dando ouvidos e recebendo cartinhas de um rapaz sem eira nem beira, que namora mais o meu dinheiro que a sua pessoa, e que pertende tirar o pé do lodo com os vintens que a mim me custaram muito e muito a ganhar. Ora a senhora tem um irmão que ainda hontem se sahiu do seu exame de philosophia como filho de quem era, e que os en-

tendidos da poda dizem ser moço para tudo, mesmo para escrever nas folhas lá para o futuro.»

«Um filho assim dá gosto á gente, e se a menina continua com namoricos eu o que faço é reconhecê-lo legalmente, e deixar vocecê desfalcada em metade dos meus haveres, protegendo a quem não tem culpa do seu nascimento.»

Esta ameaça, o tom pachorrento com que o ex-padeiro a proferira produziu no espirito de D. Miquelina uma revolução instantanea. Confessou que recebia a côrte a um rapaz, que ella suppunha ser morgado: — primeira mentira. Confessou ainda que estava para dar parte de tudo ao pai n'aquelle mesmo dia, e que o não fizera por acanhamento: — segunda mentira. Confessou mais que Lourenço Lino conjecturando não poder salvar a barreira que o separava d'ella, andava havia já uma semana completamente desanimado: — terceira e ultima mentira. Jurou por fim D. Miquelina dar de mão ás sentimentaes impertinencias do poeta, e foi esta a sua primeira e unica verdade. Abraçou-a Bartholoméu Gaspar com a segurança com que antigamente abarcava um sacco de farinha, deu-lhe na testa um beijo que ficou a clamar por sabonete, e sahiu socegado para ir á praça do commercio ultimar umas transacções pendentes.

Elle a sair e Lourenço Lino a rondar-lhe a porta. Duas horas contadas andou o misero vate esbarrando com quem passava, com o coração aos upas, e os olhos grudados na avara gelosia da dama dos seus pensamentos. D'este pindarico enleio o veio por fim tirar a voz aflautada da creada confidente da menina, chamando-o da janella gradeada da loja. Voou o poeta ao sitio aonde o chamavam, e que elle ainda não suspeitava ser o patibulo das suas esperanças. Escrevera-lhe D. Miquelina uma estiradissima carta dando-lhe conta do sermão paterno, arredando arteiramente de si as suspeitas de inconstancia, mas terminando o longo aranzel com uma despedida formal, e a expressa prohibição de tornar a incomodal-a com as suas vulcanicas epistolas.

Leu e releu Lourenço Lino a sua sentença, sentiu o sangue coahar-se-lhe nas veias, e as pernas esquivarem-se-lhe ao peso do corpo, mas a musa da tragedia ainda o amparou n'aquelle solemne instante reservando-lhe mais poetico desforço do que deixar-se cair ali na rua com um faniquito á vista de Deus e de todo o mundo. Guardou Lourenço Lino na algibeira furtada do fraque o seu passaporte para o outro mundo, e foi esconder-se na sua trapeira deixando refferver na escaldada phantasia os mais tenebrosos e desusados planos de romantica vingança. Fazer-se incendiario foi a primeira idéa luminosa que teve. Lembrou-lhe a memoria maldita de Nero, e apagou com ella as primeiras labaredas do projectado incendio. Acudiu-lhe

depois pôr os ratos a meia doze de arsenico, e com a outra metade envenenar o pai da sua Ella. A mão mirrada da senhora Lafarge tapou-lhe os olhos quando mais emmaranhado andava o poeta nas suas soturnas cogitações. Vendo-se sem animo para actor de tão aprumadas galhardias, resolveu-se a acceitar o papel de paciente e dar cabo da vida, como déra da arte poetica em tempos mais felizes e descuidados. Aqui começa a negra historia do nosso Camões. Ponham as meninas que namoram os olhos n'este triste quadro, e se a sepultura rasa do poeta não fôr humedecida pelas lagrimas das leitoras é porque os seus corações são tão aridos como foram os versos de Lourenço Lino Gaioso.

Ahi vai pois o desfecho da historia. Tinham passado vinte e quatro horas depois que D. Miquelina se desprendera dos laços amorosos do poeta, quando eu o encontrei no botequim, mergulhando as suas maguas em absyntho, e resolvido a tragicos expedientes. Antes porém de dar o primeiro passo desesperado tentou Lourenço Lino commover ainda o coração da sua segunda Natercia, mas, vendo baldados todos os esforços, fortificou-se-lhe no animo abatido a idéa do suicidio, e a de chegar á posteridade na lista dos poetas mal comprehendidos do seu seculo. Uma bella manhã ergueu-se Lourenço Lino da cama, escreveu uma especie de testamento recheado de sarcasmos contra todas as mulheres do universo, incluindo sua propria mãe, que elle accusava do crime de o não ter affogado á nascença. Chamou o gallego que o servia e mandou entregar a D. Miquelina o tetrico papelucho. N'este intervallo abriu socegradamente Lourenço Lino a janella da sua agua-furtada, vendou os olhos para que a covardia do arrependimento lhe não entrasse por elles, e zas... precipitou-se de chofre no meio da rua. Mas o ridiculo que lhe andára toda a vida a fazer negações não o abandonou n'este lance desesperado. Lourenço Lino caiu commodamente sobre uma carrada de palha que ía passando sem mais desastre que o violento choque da queda! Em quanto o poeta era caridosamentê levado pelo regedor para a cama, donde se não devêra ter levantado com tão sinistros planos, recebia D. Miquelina a participação official do acontecimento, e soberba por se ver heroína de tão entranhada paixão, só cogitava desdenhosa nos meios de se nobilitar aos olhos das suas amigas fazendo glorioso pedestal dos seus encantos das amolgadas costellas do poeta. Quando o ex-padeiro chegou a casa achou a mesa posta para o jantar, e sua filha com o riso na bocca contando-lhe como a voz publica lhe trouxera o boato do monumental trambolhão que levára o poeta escorraçado pela muita obediencia d'ella ás ordens paternas. Bartholomeu Gaspar homem positivo, e alheio²a deslocados sentimentalismos, commentou o caso em estylo da sua antiga profissão, pro-

metteu á filha leval-a para Cintra a passar o verão, e desatou a comer com a sua habitual voracidade, contente lá por dentro de ter uma filha que assim soubera vencer as tentações do amor.

Tres mezes se tinham passado depois da malograda tentativa de suicidio do nosso heroe quando uma bella manhã appareceram os jornaes noticiando que um moço de *altos espiritos* e de *provada intelligencia* pozera termo á vida envenenando-se com arsenico, e ignorando-se as causas de tão anti-catholica resolução! O moço era Lourenço Lino! Metade do numero dos leitores da fatal noticia riu do desconchavo do poeta; a outra metade admirou-se pura e simplesmente que D. Miquelina chegasse á marca das heroínas dos romances lastimosos.

Conclusão.

Dez annos depois, (muito pode o tempo e a pertinacia dos homens!) Bartholomeu Gaspar enfeitado já com o titulo de barão de Arentella, dava á sociedade elegante de Lisboa parte do casamento de sua filha unica com o sr. Manoel Beltrão de Azevedo, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, conselheiro, e não sabemos que mais pomposas e honorificas distincções, que lhe assentavam todas de esguelha como em um chapadissimo broeiro que era o sr. Manoel de Azevedo.

Logo ao cabo da lua de mel começou D. Miquelina a dar pelas manhas do peão-fidalgo, a descobrir-lhe pronunciadas tendencias para a cachaça, e um fraseado tão áquem do acceito nas salas, que, apenas elle abria a bocca, via-se a esposa em cima de brazas, esperando de momento a momento uma bernardice palmar, que a envergonhasse aos olhos dos circunstantes.

Como n'este mundo nem os barões são eternos, começou o pai de D. Miquelina a sentir-se fortemente achacado de rheumatico, a emagrecer de dia para dia, e, o que ainda era peor, a conhecer que já não deitava fóra outro inverno. A sua previsão realisou-se mais cedo ainda do que elle cuidára, e a filha viu-se para sempre amarrada aos destinos de um marido disposto a viver uma larga vida.

Um colete de casemira que Manoel de Azevedo foi uma vez encontrar traçado no cabide da sua guarda-roupa, para taes despauterios lhe serviu de thema, que levou D. Miquelina a afinar no mesmo tom, e a esquecer-se dos pergaminhos paternos em tão descompostos alaridos que a policia entendeu dever intervir na contenda, para restabelecer entre os conjuges a paz domestica. Desde este dia negra se tornou a sina do altaneiro esposo de D. Miquelina! Uma hora de pendencia fóra sufficiente para ella lhe tomar o pulso, e conhecer que podia impunemente arrostar-lhe ás iras, e amançar-lhe os escar-

ceus de temerosa tempestade. D. Miquelina redevivera na polemica caseira, disposta a não seguir outro norte que o da sua vontade pura e simples, fossem quaes fossem as predicas moraes de seu marido, e os salgados commentarios da sociedade aos seus illegaes e ultra-romanticos amores.

Sobeja-nos a modestia, e falta-nos o papel, para dar na sua integra ao leitor a lista de todos os ociosos de coração que mereceram as boas graças de D. Miquelina, até ao dia em que uma documentada carta anonyma veio tirar a Manoel de Azevedo todos os pretextos á sua até então estudada ignorancia a respeito das tropelias de sua mulher. Um caricaturista habil não perderia de certo o tempo reproduzindo a actitude melodramatica do conselheiro na occasião de interrogar a sua cara metade ácerca da veracidade da carta que elle sustinha em uma das mãos, em quanto procurava dar á phisionomia um toque de revellação divina, e aos olhos mortiços e pasmados uma impotente faisca de colera mal reprimida. D. Miquelina ouviu a diffusa objurgatoria de seu marido com a mansidão destrahida da impenitencia, e, brincando com uma cadelinha de raça ingleza que tinha no regaço, parecia completamente alheia aos rasgos de eloquencia do commendador. Instada a apresentar as provas da sua innocencia, D. Miquelina respondeu laconicamente que não descia á indignidade de accetar um anonymo por accusador, e ainda menos um interessado por juiz. Posta n'estes termos a questão, Manoel de Azevedo, a quem a vergonha não sobrava, resolveu-se deitar o coração á larga, e a seguir o honroso exemplo de sua mulher fazendo monterias amorosas pelos palcos dos theatros e pelas coxias dos circos, dispendendo grosso cabedal com bailarinas e amazonas, e julgando vingar-se d'este modo dos extravios conjugaes de D. Miquelina!

A gata da fabula, methamorphoseada em mulher, não se denunciaria tanto vendo um ratinho saltar-lhe diante dos olhos, como o nosso commendador com a sua boçal phraseologia amorosa. Um Fauno não faria mais triste figura entre as Driades do que Manoel de Azevedo na roda das arpias theatraes que o depenavam, rindo, em quanto o pobre diabo acreditava de boa fé no poder dos seus attractivos pessoaes!

Esta vida era, e continuaria a ser um paraíso para o commendador, se D. Miquelina, aconselhada por um bacharel que a cortejava, não accordasse um dia pondo publicamente seu marido por prodigo, e negando-se a partilhar a responsabilidade de quaesquer vendas ou subrogações futuras dos seus bens. Este desalmado annuncio fez baixar cento por cento nos theatros o credito já abalado do commendador, dando-lhe a conhecer practicamente a precaria estabilidade do coração das mulheres já poeticamente denunciado ao universo nos

versos do suicida seu antecessor. Depois de muito scismar, e de remoer diversos planos, mais ou menos sensatos, resolveu-se a desgarrada ovelha a voltar ao aprisco, apesar de o saber guardado por estranho rafeiro!

Lisboa recebeu pasmada a noticia d'estas pazes, menos esperadas do que a paz geral de 1814, que tantos foguetes e luminarias mereceu a este embasbacado povo da nossa ordeira capital. D'aqui por diante começa um milagre ainda mais fallado, e menos crido, que o de Campo de Ourique. Os dois conjuges que tres annos atraz eram um acabado modêlo da turbulencia domestica, começam de repente a achar um ao outro irresistiveis encantos, a quererem-se, a amarem-se, a idolatram-se da mais bucolica maneira, com os mais innocentes e campesinos affectos! Ora vá lá á vista d'isto um romancista fazer conjecturas, um philosopho formular theorias, um poeta semear suspiros, um legislador codificar preceitos! Por vontade de D. Miquelina (o seu convertido esposo era da mesma opinião) viver longe do bulicio da cidade seria a suprema ventura terrestre, se os negocios da casa não obstassem, temporariamente, á realisação d'este sonho doirado dos dois pombinhos!

Com que emoção, com que indiscriptivel jubilo, não acariciou o commendador um dia a remota suspeita da paternidade! Que planos, que calculos, que projectos não passaram risonhos pela cabeça do feliz marido quando D. Miquelina baixando os olhos e corando de pejo (aonde fôra aboletar-se a virtude!) deu a entender a Manoel de Azevedo a possibilidade de verem perpetuada a sua raça! Arrasam-se nos olhos de agua só com a lembrança dos ante-gosos d'aquellas duas almas, tão ariscas por alguns annos, hoje tão unidas, tão umas, tão vasadas no mesmo molde!

Ao confirmar-se depois a fausta suspeita prometteu bizarramente o commendador dotar doze orphans da sua freguezia, e casal-as honestamente, para que o demonio das paixões mundanas as não tentasse antes de tempo. D. Miquelina ouviu esta promessa revendo-se no esposo com a candura de uma alma por encanto guindada aos celestiaes enlêvos. Tudo continuaria ainda hoje a correr o melhor possivel n'aquella vivenda de fadas, se a visinhança com a arithmetica e o calendario na mão, não tivesse contados os dias e os mezes decorridos desde que o bacharel abandonára a rua, e o commendador voltára constricto aos seus penates.

Esta terrivel coincidencia envenenava a melindrosa organisação de Manoel de Azevedo, apesar das tremendissimas juras de D. Miquelina, e d'ella invocar sobre a innocente cabeça do futuro pimpolho todas as pragas de que a nossa lingua abunda, se por ventura não tinha a intima consciencia do que affirmava.

Tranquillo sobre o caso, apesar da logica inflexivel dos maldizentes, esperou o commendador com alvoroço o dia 15 de maio. Pela volta do meio dia veio uma creada velha annunciar-lhe o nascimento de um rapagão, que, na phrase da alviçareira, era tal e qual a cara do senhor seu pai. Esta palavra, e aquella consoladora affirmativa, encheram de inefaveis consolações a alma apavorada do commendador. Duas libras, lusentes como dois soes, escorregaram na mão da velha que se esconjurava, arrecadando o dinheiro, de qualquer idéa interesseira da sua parte.

Agora é que somos chegados bem ao fim. Apesar das supplicas de D. Miquelina, que insistia em que o menino se chamasse Manoel como seu pai, o commendador teimou em pôr-lhe o nome de Bartholomeu, perpetuando assim pelo sacramento do baptismo a memoria honrada do padeiro-barão.

D. Miquelina é hoje uma senhora exemplarissima que se confessa duas vezes por anno e ouve missa todos os dias, dando esmola ao sair da igreja a todos os pobres que encontra. Manoel de Azevedo passa entre o corpo commercial por ser um dos mais activos e probos negociantes da praça de Lisboa, e qualquer d'estes dias está-lhe a cair em casa um viscondado.

O menino, (isto é que corta o coração á gente) é fechado como a burra de um usurario, e dá poucas ou nenhuma esperanças de melhorar com a idade. O pai attribui-lhe a patetice ao leite da ama, que fôra uma pobre e bronca mulher da Trafaria, mas quem lhe conheceu mais de longe a ascendencia affirma-me que os exemplos de pouca prespicacia não são minguidos na familia paterna do menino.

Deus faça d'elle coisa que preste, ao menos deputado se não prestar para mais nada.

L. A. PALMEIRIM.

MEDITAÇÃO

«Les souvenirs du bonheur passé sont les rides de l'âme!
«Lorsqu'on est malheureux il faut les chasser de sa pensée
«comme des fantômes moqueurs qui viennent insulter à
«notre situation présente: il vaut mille fois mieux alors
«s'abandonner aux illusions trompeuses de l'espérance, et
«surtout il faut faire bonne mine à mauvais jeu et se bien
«garder de mettre personne dans la confiance de ses mal-
«heurs.

«A force d'être malheureux on finit par devenir ridicule.

X. de Maistre



desgraça é tão opulenta em vi-
sões e phantasmas medonhos,
como a felicidade em idealida-
des risonhas e fagueiras.

O espirito, esse fóco de luz
onde se refrangem os pontos
brancos ou negros do destino,
mal se levanta á sua sublimi-
dade, quando não foi provado
pelas mil variantes da dôr, do
verdadeiro infortunio, e do ex-
tremo da agonia.

A creatura, que só vê trevas,
em volta de si, alonga a vista, e procura o sol esplendoroso, no
seu pensamento. Se o encontra, retalha as chagas com coragem,
recreia-se no proprio martyrio, folga com entrar em lucta com
a desgraça, e salvar-se do desalento e da demencia, com a fé em
Deus, e o desprezo de vis preconceitos, que os bem-aventurados
da sociedade são os primeiros a supplantar e a esquecer. Com-
tudo, não a julgueis mais feliz, por isso, á creatura das trevas.

Por um lado, a inveja, a maldade, o odio de mundo que tão perigoso é affrontar; do outro o desgosto profundo, a dura experiencia, a miseria e o abandono: eis o apanagio de tudo o que a vontade omnipotente do Creador tornou distincto.

O homem, que escurece a vista curvado sobre a banca do estudo, aprofundando a sciencia e os mysterios do coração humano, á procura do balsamo para chagas innumeraveis, affigura-se-me suspenso á terra por um fio divino: tão perto o vejo revoar dos segredos de Deus.

Que horrivel solidão, que despovoado sem encantos não parecerá o mundo a essas almas privilegiadas, que, comprehendendo o que elle vale, se fizeram fortes de sua mesma amargura, e, sentindo faltar-lhes a esperanza de que os entendam, abafam o germen sagrado do talento, gozam-se das suas proprias maravilhas, para que não lhe desvirtuem a sublimidade de seus devaneios!

Se todos, porém, assim pensassem, onde levaria o infeliz as suas magoas sempre pungentes, onde acharia fonte de agua pura que pudesse saciar-lhe a sede inexgotavel de toda a alma que tem penado muito; onde buscar crenças que o exaltem, onde encontrar remedio para as suas dores senão no que chamam riqueza intellectual; e d'onde espera tirar o vigor que conforta e ensina a ser grande pela consciencia immaculada!

E no emtanto, apesar mesmo d'estas reflexões que parecem verdadeiras, é necessario repetil-o, tanto eu receio que invertam o sentido das minhas palavras: No homem, o sublime do genio é a desgraça; na mulher, é a maldição do homem, e o castigo do Senhor. Só a estupidez dá a felicidade; o verdadeiro elemento da ventura é a inepecia, enfeitada com a satisfação propria do seu valor.

Não me contradigam quando a minha alma se levanta lucida depois de pesada vigilia, e um demonio implacavel me illumina com traços de fogo as sinuosidades escabrosas por onde caminhou a minha ingenuidade, quando tão outro via este mundo.

A mulher é um ente debil em razão e força. Quando a intelligencia desabroxa n'essa frente que fôra mimosa, e o reflexo do espirito lhe irradia nos olhos, ha ahi um quadro imponente a estudar. Deslumbra-a uma luz demasiado viva; quer fitar esses horisontes grandiosos, e não pôde; baqueia de repente no abysmo da desconfiança de si; maldiz o destino invencivel, e revolve-se nas convulsões do desespero. O mundo assombra-a. Dóe-lhe mais a ella vel-o atrozmente despoetizado,

do que essas mil feridas que lhe gotejam o sangue mais puro do coração.

Que refugio ha então para a infeliz? Que porta lhe está aberta, que olhar misericordioso procura o seu, senão para dardejãr-lhe mais um insulto!

Mulher! mulher! quem ousará maldizer-te, quando tu passas de cabeça alta e olhar desdenhoso por entre as turbas enlevadas em gozos frageis, e onde tu só encontras o vacuo e a solidade?! As illusões, as chimeras saudosas e expansivas do passado, levaram-te a procurar no estudo o algoz que as devia matar uma a uma, mais dia menos dia. Ó santa e malograda ambição!

Quando a mulher se julga morta para as alegrias de um amor exclusivo, quando o espelho protesta contra o ardor do coração, então busca um asylo na cancela do estudo; envelhece annos n'uma hora, e colhe um fructo amargo d'onde esperava gostosas distracções. O veio fertil, que explorou com tantos cuidados, deixou-a mais pobre em crenças; pobre a ponto de mendigar do céo uma idéa salvadora. Mas qual? Ha por ventura meio de fugirmos a nós mesmos?

E o homem... é sem piedade! Accusa a mulher quando a vê cair, e não se lembra que elle é um tigre de ferocidade, depois de ter sido um anjo! Tão orgulhoso como Lucifer baixando da gloria do paraizo aos antros escuros do inferno, ufana-se da sua obra execranda, ri de si proprio quando se vê n'essa época passada em que punha a mão no seio e o sentia arfar n'um jubilo casto e innocente. Escarnece o que houve de bom em si, e vitupera a victima. Amaldiçoa-a, infama-a, e é assim que a impelle, e engolfa n'esse sorvedeiro formidavel onde parece que não chega o mesmo poder de Deus!

Quando se toca semelhante disposição d'alma, esmorece-se a meio caminho da vida; odeia-se a existencia, e a morte nos apparece como unico e aprazivel refugio.

A sociedade é tão ironica, tão impiedosa e vingativa, que eu mesmo, quando a defino, tenho medo que cáia sobre mim um anathema não menos implacavel e amargo que o meu calix de peçonha. Affronta sem generosidade os pesares dos desgraçados com o ruido dos seus festins; calca aos pés os opprimidos, e eleva altares as grandezas da terra por mais conspurcadas que estejam.

Ai! como se sente a alma vergar, debaixo do peso da velhice prematura, da dura experiencia e dos trabalhos!

Que dôr funda, quando a mulher volta ao passado, e revê os

seus virginaes contentamentos, deleitando-se em contemplar esses gosos em que passava de esperanças singelas ao doidejar infantil, occasionado pelo abrir de uma flôr querida, ou pelo fulgor de uma estrella namorada!

Que viver tão phantasioso, e poetico!... Logo depois vem as paixões, esse cortejo embriagador de sentimentos desconhecidos, enlevo feiticeiro, delirar de coração virgem emballado pelo canticão dos anjos, e pela linguagem devaneadora da sua imaginação.

É voar da terra ao céo, para cair depois no mais raso d'este positivismo atroz!

Aquelle coração que arfou junto do seu, aquellas pulsações que se reproduziam nascendo e morrendo juntas; aquellas fallas suspiradas como a aragem da tarde; tudo o que levanta o espirito ás alegrias imponderaveis de um amor grande em dedicação: tudo isso acaba, deixando apenas um espinho roedor, que a vae consumindo lentamente.

As idéas que espontaneamente florião debaixo da influencia magnetica do astro adorado, escurecem na angustia de tão insupportavel dôr; e o mar, sereno até ahi, dos seus desejos, agita-se em convulsões de vida ficticia. Debalde tenta reagir por um esforço supremo de vontade; está condemnada a succumbir; e ainda lhe é forçoso abafar os gemidos para que não lhe insultem os ultimos paroxismos do coração. Do paraizo, baixa á terra; terra maldita, que fôge sempre debaixo dos pés do infeliz, em quanto se enfeita para o egoismo que lhe devora os melhores fructos.

Ó sociedade, por que te assombra e offendes, quando o desgraçado te despresa?

Como eu te vejo asqueroso, e repugnante, mundo!

Os grandes esmagam os pequenos, os poderosos são insolentes quando a desfortuna lhes estende a mão, e o genio do mal saborea o pasto que tu lhe offereces.

Que horas estas, meu Deus!...

A. A.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XVIII



artiu com effeito Salvador Lopes a cumprir o piedoso intento de visitar no cemiterio da Figueira o tumulo da sua adorada mãe. Meditava levantar-lhe um monumento que não desdisse da condição mediana em que vivêra aquella exemplar senhora, nem faltasse ao que a saudade filial deve á honrada memoria dos paes.

Chegado ali observou quasi com pezar que outra mão embora amiga mas estranha se incumbira de tão grato dever. Sentiu ver-se privado da suave consolação de prestar a derradeira homenagem aos ossos de sua boa mãe, porém não quiz mal a Manoel de Oliveira que ordenára a obra muito antes que a riqueza de Salvador Lopes lhe permittisse imagina-la como lh'o requeria o affecto.

Ali soube que frequentemente vinha de Cantanhede á Figueira seu paé acompanhado de um ou dois ecclesiasticos, e que sempre fazia a devota romagem do tumulo da sua abandonada consorte. Dizia o guarda que o velho ajoelhava junto das grades, e ficava por muitas horas em oração diante do mausoléo, sendo ás vezes necessario que

os padres o avisassem de que se ía fechar o cemiterio. No anniversario do fallecimento acudia tambem a mandar dizer missas em todas as igrejas da villa, distribuindo aos pobres grande copia de esmollas. Todos diziam que era um santo aquelle velhinho e que por isso Deos o conserváva tão robusto. Os que o conheciam melhor, calavam-se e não perturbavam o peccador nos extasis do seu arrependimento, nem entibiavam a fé alheia duvidando d'elle.

Consistia o tumulo em um parallelogrammo de pedra, levantado a um metro do solo, tendo no centro a insignia da redempção. Sobre tres columnas formando triangulo em derredor do monumento avultavam as estatuas da Fé, da Esperança e da Caridade. Tudo era de granito das pedreiras do Porto, onde se fizera por ordem de Manoel de Oliveira. Não tinha inscripção alguma. Não esqueceriam á piedade filial o nome e a data. Aos indifferentes importava pouco.

Em torno e a dois metros de distancia corria a grade de ferro que cercava o resto do terreno comprado pelo pai de D. Anna, e graças aos cuidados do guarda especialmente remunerado para esse fim, crescia formosa relva no espaço livre. Ali quizera o velho Lopes de Cantanhede preparar o sitio onde viesse a descançar junto da maltratada esposa, e escreveu a Manoel de Oliveira pedindo-lhe permissão para edificar o seu jazigo. O negociante, já então em Coimbra, leu a carta do pae de Salvador, rasgou-a lembrando-se dos soffrimentos da triste senhora, e não lhe respondeu. Resignou-se o ancião a mais esta expiação, mas não perdoou no fundo da sua alma a inconsiderada dureza do nosso Oliveira.

Nos ultimos annos quando a fortuna se resolvêra a favorecer desmedidamente o commercio de Salvador Lopes, o seu antigo patrão em uma viagem que fez á Figueira ordenou que em frente do tumulo se abrissem duas campas cobertas com pedras sem ornato algum. Uma era para Salvador Lopes, a outra para o velho de Cantanhede, se o filho quizesse conceder-lhe na sua volta ao reino a solicitada mercê de jazer aos pés da victima dos seus desvarios. Nos livros mandou lançar á conta de Salvador todas as despezas do tumulo materno e das duas novás sepulturas, porém não lhe communicou a este respeito coisa alguma. Adivinhára Manoel de Oliveira quaes seriam os sentimentos filiaes em face do tumulo materno erguido e cuidado por pessoa estranha, e quiz que na conta geral que lhe havia entregar agora, visse que lhe acertára com a vontade.

Demorou-se pouco tempo na Figueira o rico brasileiro. Cumpridos os deveres para com a memoria da mãe, veio a Cantanhede visitar o pae e passar com elle alguns dias. Aggravaram-se com a viagem e com as sensações de saudade e de tristeza os padecimentos de Salvador, e chegou á casa paterna tão enfermo que não quiz demo-

rar-se ali. Resolveu partir no dia seguinte para Coimbra. Agitavam-lhe o animo a gravidade da molestia que conhecia bem, e a incerteza e risco em que ficariam os negocios de Manoel de Oliveira, se a morte o impedisse de realisar a efficaz protecção com que desejava mostrar-se agradecido.

Não o queria deixar partir em tal estado o pae, e com mil rasões lhe pedia que permanecesse ali até passar aquelle ataque, que não era padecimento novo, e havia de ceder como das outras vezes, podendo aliás aggravar-se com a jornada. Desculpou-se com attenciosa insistencia o doente, e como a anciedade por não partir logo lhe augmentava o mal teve de ceder o velho, ordenando que transportassem o filho até ao rio por onde em um barco commodamente preparado subiria a Coimbra. Receava Salvador que n'aquella viagem lhe chegasse a ultima hora, e impacientava-se com a demora indispensavel para vencer a distancia. De Cantanhede antes de peorar escreveu a Henrique de Mello pedindo-lhe que se em poucos dias o não visse chegar a Coimbra, viesse a Cantanhede procura-lo.

Recebeu Henrique e toda a familia Oliveira com verdadeira magoa a noticia do perigoso estado de Salvador Lopes e quando este chegou a Coimbra, encontrou no caes D. Anna, a tia, Henrique de Mello, a mãe, e o menino Alvaro que encontrando os outros no caminho para o rio e sabendo a que fãam, não quiz perder o ensejo de se mostrar importunamente obsequioso.

Salvador a quem o pae quizera acompanhar, não consentiu n'esta fineza, nem quiz que um dos padres commensaes do velho viesse com elle até Coimbra. Vinha mui gravemente enfermo em uma cama que lhe haviam disposto á ré do barco resguardada com o competente toldo. Instruido de quão variadas são no desenlace as molestias do coração, agourava proximo o fim da vida. Tinha estudado todos os symptomas, e parecia-lhe que á uma se apressavam a avisal-o de que estava chegada a hora. Não desfallecia perante a morte. Dormir é o melhor refrigerio de quem padece dores. Dormir para sempre é consolação e repouso perpetuo.

Mas deixar no mundo em situação tormentosa o seu melhor amigo, o protector da sua juventude, o homem que fôra voluntaria origem da grande riqueza que possuia hoje e que adoçara com amigavel extremo os ultimos dias de sua mãe, era afflicção mais profunda do que podia ser a agonia do passamentó. Considerava que Manoel de Oliveira só tinha por inimigo o velho de Cantanhede, contra quem defendêra a mãe de Salvador, e a quem recusára uma campa junto dos ossos d'ella, e que talvez viesse a depender do rancor ou da generosidade duvidosa d'aquelle ancião o futuro da familia Oliveira.

Sabia que a religião manda perdoar, e que a doutrina da igreja

ordena que se recebam as humilhações em justa expiação das faltas commettidas, mas Salvador sem duvidar da boa fé com que o pae buscára alcançar devotamente ao pé dos altares o perdão dos erros, não ignorava que até sob as vestes sacerdotaes vão ás vezes encubrir-se assanhadas coleras que por serem ecclesiasticas não são menos tenazes nem menos implacaveis do que as paixões mundanas. Tambem ás vezes o espirito devoto vae-se por tal modo gastando em actos de compunção exterior, que o coração fica inteiramente vasio de affectos moraes e de sentimentos generosos.

Combatido de receios tão pungentes viera na lenta viagem rio acima em profunda tristeza até que avistou ao longe a formosa Coimbra. Ahi se lhe abriu então a alma á esperanza de chegar com vida á cidade e de remediar tudo, se Deus lhe concedesse ainda algumas horas. Quando se viu no caes, e conduzido á propria casa de Manoel de Oliveira quasi nos braços d'aquella santa familia, teve-o por especial mercê de Deus, e agradeceu ao Senhor na silenciosa e arrobada elevação de alma que só conhece quem já uma vez na vida levantou aos céos os olhos supplicantes e cuidou vér n'elles a mão do Eterno a acenar-lhe com a protecção divina.

Não esqueceu de certo o leitor que Henrique de Mello era medico. Coube-lhe por tanto a primeira auscultação e exame do enfermo. Estavam sós. As senhoras tinham acompanhado o prestito quasi funebre até á porta do quarto que se preparára para Salvador Lopes, e Manoel de Oliveira accommettido pela costumada enxaqueca recolhêra logo ao seu aposento. Alvaro fôra contar o caso á mana Christina.

— Então? Exclamou o doente.

— O seu estado é grave, respondeu Henrique de Mello depois de o ter examinado bem, mas não é para desesperar.

— Quantas horas?

— Quantas horas para quê?

— Para viver e salvar esta familia, volveu anciado o enfermo.

— Pelo amor de Deus, sr. Salvador Lopes. Não se atterre. N'estas enfermidades qualquer sensação forte pôde ser mortal.

— Bem o sei, mas a certeza de morrer deixando providenciado quanto pôde respeitar á velhice de Manoel de Oliveira talvez me restabeleça rapidamente.

— Eu não o considero tão perigoso, mas não me fio em mim só. Já se mandou recado a facultativos mais experimentados, e que não deixaram a sciencia pelo commercio como eu fui obrigado a fazer.

— De que serve isso? Eu dou mais pela voz do seu coração do que pelos discursos de uma junta. Façam o que quizerem, concluiu Salvador extenuado, mas não me deixem morrer assim.

Chegaram para logo os doutores, examinaram o doente e reuni-

ram-se em uma sala affastada do quarto em que elle jazia. Não disputaram. Foram todos concordes em que a molestia estava muito adiantada, e que era inevitavel a catastrophe. Os mais animosos concediam-lhe dois dias de vida. A Henrique de Mello que sustentára a possibilidade de restabelecimento proximo responderam desejando que Deus fizesse o milagre, mas sorrindo da inexperiencia do mancebo.

Não soube Salvador Lopes o que se resolvêra na junta, porém com o raro instincto dos moribundos conheceu que não era favoravel a opinião dos doutores e pediu que chamassem a familia Oliveira junto do seu leito porque os queria vêr todos antes de morrer.

Henrique de Mello annuiu logo a este desejo e o proprio Manoel de Oliveira venceu a pertinaz enxaqueca e acudiu ao quarto do seu infeliz amigo. Ali iremos encontrar toda a familia no capitulo seguinte.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL.

Extrahido do Times



ontem, 11 de julho, apresentou a exposição os seus primeiros resultados á anciedade dos expositores, pela adjudicação publica dos premios, e noticia dos verdictuns dos jurys respectivos. O governo não se poupou a quanto podesse fazer d'esta cerimonia publica, o grande espectáculo d'esta estação. As coisas foram dispostas, e arranjadas por mais de uma vez, foi solicitada a cooperação internacional, fizeram-se differentes tentativas de regulamentos, e a final para que a prevenção fosse dobradamente cautelosa, até as eventualidades de um tempo

desfavoravel foram precavidas por um programma duplo segundo o dia se apresentasse bello, ou chuvoso, sendo as prescripções que se deveriam observar dependentes d'esta eventualidade.

Todas estas combinações e arranjos meditadamente calculados, tiveram excellentes resultados, e tão completo foi elle que quasi se notava certa monotonia na propria pontualidade, e inalteravel regularidade com que cada preceito do programma se ia realisando, e se verificavam os factos nos momentos previstos. Assim foi que, quando o sequito se poz em ordem e andou, qualquer poude saber, consultando o seu relógio, em que ponto do edificio elle estava, e o que fazia. Não acabou comtudo a função na observancia rotineira do programma, porque foi completada pelo enthusiasmo resultante da impressão espectacular, pela satisfação geral, e por ultimo, e não pouco pelo tempo que appareceu. Esta circumstancia foi por tal modo assumpto geral da conversação, e de sobresalto, que fóra desnecessario mencional-o aqui, havendo-se o tempo mostrado só uma vez favoravel á exhibição dos artigos concernentes, ou interessantes aos jardins, e ás culturas.

A cerimonia de hontem foi apenas, podemos dizel-o, para mencionar, mas não para entregar os premios do jury, porque é facto que as medalhas se acharão promptas só ao findar o tempo da exposição. Julgou-se pois que deferir a noticia das honras obtidas para época tão distante, comparativamente fallando, fóra privar os expositores de quasi metade das vantagens que lhe devem porvir do triumpho da sua concorrência. O valor principal ligado ás medalhas, está no poderem os expositores annunciar durante a exposição e em quanto esta têm vida, o triumpho por elles alcançado. Julgamos que ainda se dará outro ceremonial quando as medalhas forem entregues effectiva, e individualmente, aos expositores que poderem esperar até então. Isto porém, como dissemos, só terá logar ao approximar-se o fim da exposição, e foi para os habilitar a recolher até então beneficios praticos da sua feliz competencia, que o annuncio dos que tem jus reconhecido a premio, foi solemnemente promulgado no dia de hontem.

Ainda que o concurso dos visitantes n'esta occasião fosse mais que o duplo do que accudio á abertura da exposição, comtudo, por uma qualquer razão, o interesse evidenciado agora, não venceu a anciedade enthusiastica de que se acompanhou cada um dos factos do primeiro de maio. Não tentamos por fórma alguma dar explicação d'isto, com quanto o facto, como paradoxo curioso, mereça ser registado. Não houve uma extensa linha de carroagens embargando as avenidas do edificio logo ás 8 horas da manhã, nem ás 9, nem mesmo ás 10, que eram as da abertura, nem se vio o que podessemos

chamar com verdade multidão apinhada, mas a cada porta se divisavam grupos que esperavam, segundo o conselho que aventuramos em nossas columnas, contra a agglomeração á porta oriental, conselho que pareceu haver obtido bom resultado, porque os visitantes se distribuíram pelas differentes entradas, passando por ellas com rapidez, e sem inconvenientes. Não obstante haver sido escasso o tempo concedido aos preparativos, e aos arranjos, tinham-se feito muitas mudanças e melhoramentos no edificio. Tinha-se levantado solidas divisorias quasi em toda a extensão do circuito que o prestito devia seguir. Na nave o caminho era tomado por linhas de cadeiras presas umas ás outras, sendo todas as da frente reservadas para as senhoras. As estações em que as decisões do jury tinham de ser annunciadas, achavam-se indicadas por pequenos, mas elegantes trophéos compostos de bandeiras, e de grinaldas, particularmente do lado dos estrangeiros, e realçando os da França, que, sobre serem de muita belleza, eram tambem de muito preço. Em torno d'estas estações se achavam agrupados alguns dos objectos mais curiosos, ou dos mais apropriados, escolhidos entre os da exhibição do paiz a que a estação pertencia. Todas as columnas de marmore, pedestaes e mezas que se podiam empregar sem inconveniente, achavam-se ornadas de fuchsias formosas, e de plantas floridas por modo que offereciam aos olhos lançados sobre a nave, antes que os visitantes a comesçassem a occupar, uma successão de grupos belissimos, e bem distribuidos, e uma mistura de fórmis e de cores, produzindo quadro tão attractivo, e encantador, qual nunca mostrára a mesma nave em occasiões precedentes. Não tardou muito que esta scena não mudasse de aspecto, avistando-se fileiras de senhoras vestidas com primor, e nos anciosos e apressados visitantes procurando logares ao longo do transito que o acompanhamento devia seguir, logares que foram occupados dez minutos depois da abertura da casa, apesar de todos saberem que se passariam ainda quatro horas antes que a sua pressa na posse de uma cadeira, ou a sua paciencia, podessem ser recompensadas.

O tempo que assim decorria não passou sem attractivos. Havia bandas marciaes por todo o edificio. Seria comtudo uma hyper-critica de nossa parte affirmar que, se alguma coisa foi por demais (e ainda em duvida o dizemos) nos pareceu ser a quantidade de musicas, porque se achavam tão proximas que fóra impossivel ajuizar do merecimento especial de cada uma. Vinham os sons da cupula oriental em que se achavam estacio:

nados os *Lifeguards* e a sua reverberação encontrava a dos *Cold-streams* junto ás portas de Norwich, a qual se via repellida pelas notas bravias, mas originaes, da banda do vice-rei do Egypto, por este modo se continuavam as musicas confusamente até á grande banda marcial da Belgica, situada por baixo da cupula occidental. Este entretenimento era para os que desejavam ouvir, e para os que queriam ver, mas ainda mais para estes ultimos. Occupado cada lado da nave, e depois as galerias como logares mais vantajosos, começaram a encher-se de grupos, e como as cadeiras escaçassem cada vez mais, os angulos juntos dos trophéos foram igualmente invadidos.

A draga do sr. Peters, e o pharol do sr. Chance foram tambem occupados: depois o obelisco de *Bell*: logo as escadas conducentes ás galerias, e por ultimo os tectos, e caixotes que estavam nas galerias, assim nos logares de que se podia avistar o ceremonial, como n'aquelles em que ainda esta condição se não podia encontrar.

Nos logares destinados á parte agricola (*agriculture gardens*) a multidão ao longo do trajecto a fazer pelo prestito, era grande. Seria difficil calcular o numero de pessoas que então se encontravam no edificio, e nos jardins. Os dados officiaes não esclarecem este ponto, porque parece terem havido enganões, tornando-se impossivel distinguir os que entraram por senhas especiaes, dos que o fizeram pagando.

Em algumas entradas os visitantes foram contados, em outras não. Os mappas referidos á uma hora da tarde, principio da cerimonia, mencionam 32:000 espectadores, que chegaram ao acabar-se a festa a 44:278. O mysterio d'estas cifras ha de por certo achar-se explicado de futuro: até então podemos assegurar com a opinião dos melhores juizes em questão de numeros, que o dos visitantes que se achou presente excedeu a 70:000. O docel em que devia ter logar o maior numero de recepções foi armado no sitio destinado á memoria da exhibição de 1851. O throno era o mesmo empregado na cerimonia da abertura, e os obreiros ainda se occupavam de o completar, quando o publico foi admittido aos jardins. Em volta d'este throno, e de cada lado d'elle, estavam os visitantes agrupados densamente, como que cercando o lago, e apertando a avenida central que conduzia á exposição. Vista de perto, mas em certa elevação, a reunião assim distribuida em torno do lago, apresentava um spectaculo singular: a agua assemilhava um espelho gigante, e os visitantes a respectiva moldura, mas de um rico colorido. Por toda a parte se encontravam bandas marciaes, no con-

servatorio, nas salas de musica, nos terraços e entre as arvores. Comtudo todas ellas eram aqui ouvidas com vantagem sua, e nenhuma invadia a competencia da outra.

Os primeiros elementos do prestito reuniram-se, como de costume, no sitio denominado relogio de *Benson*. Aqui se juntaram os jurys com os seus presidentes offerecendo uma variedade de vestuarios e de uniformes militares de mar e de terra; e trajas de cõrte, academicos e civís. Distinguiam-se um ou dois por suas bordaduras em matiz de seda, em quanto outros realçavam pelos recâmos de oiro ou de prata.

Como o tempo se apresentava então severamente ameaçador teve-se como de acerto começar os differentes actos a um tempo. Tendo á sua frente a musica dos engenheiros reaes, encaminharam-se os jurados aos jardins, passando em volta do lado occidental até junto ao docel. Eram trinta minutos depois do meio dia. Os jardins, e o palacio estavam apinhados de gente, posto que os mappas officiaes só dessem áquella hora 25:000 visitantes. No conservatorio tinham-se reunido gradualmente os membros do gabinete, os commissarios reaes de 1851, o lord maior e seu acompanhamento, o conselho da sociedade de agricultura, e os membros das commissões de administração e da construcção do palacio. A chegada de cada uma d'estas notabilidades era annunciada pelos applausos, mais ou menos pronunciados da multidão que se achava além da entrada septentrional dos jardins.

O conde Russell achou-se entre os que entraram primeiro, subtrahindo-se assim a um pronunciamento da multidão: o mesmo praticaram os srs. Gladstone e Disraeli. Lord Palmerston foi todavia reconhecido, e as saudações de que foi alvo poderam ser ouvidas distinctamente nos jardins; assim como o foram depois pelos que se achavam da parte de fóra dos mesmos, as provas de satisfação com que o mesmo lord foi recebido no interior.

Sua alteza real o duque de Cambridge acompanhado dos coroneis Tyrwhitt e Macdonald chegaram quasi á uma hora: o mesmo aconteceu successiva e rapidamente a lord Taunton, aos srs. Lowe, Carlos Easttake, Jorge Grey, duque de Argyll, duque de New-Castle, Cornewall Lewis, Carlos Wood, lord Portman, Guilherme Cowper, A. Spearman, e C. A. Villiers. Os commissarios reaes na exposiçãõ actual lord Granville, duque de Buckingham, os srs. Guilherme Dilke e Fairbairn recebiam os que chegavam. Entre os primeiros representantes internacionaes notava-se o pachá do Egypto, trajando sobrecasaca azul, e o fez de

official turco, tendo o peito adornado de medalhas e condecorações diferentes. S. A. R. o príncipe de Carignan apresentou-se de grande uniforme, e quando appareceu no prestito houveram-no pelo príncipe Luiz d'Hesse, cujo nome se lêra no programma official, mas que por algum motivo se não achou presente. Os personagens seguintes tomaram parte no cerimonial. Pela :

Austria — S. ex.^a o conde Appony, embaixador junto da côrte de Inglaterra.

Baviera — S. ex.^a o sr. Cetto, ministro idem.

Belgica — S. ex.^a o sr. Rogier, ministro dos negocios estrangeiros na Belgica.

Brazil — S. ex.^a o commendador Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, ministro junto da côrte de Inglaterra.

Dinamarca — S. ex.^a o sr. Torben de Bille, idem.

Equador — S. ex.^a o sr. Antonio Flores, idem.

França — S. ex.^a o sr. Thouvenel, senador de França, e ministro dos negocios estrangeiros.

Francfort — O senador Bernus.

Hanover — S. ex.^a o conde A. Kielmansegge, ministro junto da côrte de Inglaterra.

Cidades anseaticas, Bremen e Hamburgo — Os srs. Jorge Joaquim Goschen, consul geral em Londres.

Italia — S. A. R. o príncipe de Carignan.

Mecklemburgo — Schwerin e Mecklemburgo-Strelitz, o barão de Maltzahn da Wollrathsruhe.

Hollanda — O sr. J. W. L. Van Oordt, presidente da commissão real neerlandeza.

Portugal — S. ex.^a o conde de Lavradio, ministro junto da côrte de Inglaterra.

Prussia — S. ex.^a o conde Redern, ministro de S. M. o rei da Prussia em Bruxellas.

Saxonia — S. ex.^a o barão de Buist, presidente do conselho, e ministro do interior de S. M. o rei de Saxonia.

Hespanha — S. ex.^a D. Antonio Gonzales, ministro em Inglaterra.

Suecia e Noruega — O barão Beck Friis, encarregado de negocios em Inglaterra.

Suissa — O sr. João Rapp, consul geral da Suissa.

Turquia — S. A. o pachá do Egypto.

Estados Unidos — S. ex.^a o honrado o sr. Adams, ministro em Inglaterra.

Wurtemberg — S. A. o príncipe Hermano de Saxonia Weimar Eisenach.

Era uma hora quando os ultimos d'estes hospedes e representantes chegaram, e logo o cortejo, deixando o conservatorio, se encaminhou ao docel e ao throno, o vice-rei e o principe de Carignan iam de cada lado do duque de Cambridge e todos foram altamente victoriados, senão mais, pelo menos tanto como os primeiros. Lord Granville recebeu tambem emboras muito cordeaes. Chegado ao docel o cortejo formou um grupo brilhante, em quanto lord Granville acompanhado dos seus collegas commissarios, e collocando-se em frente do throno, dirigiu aos hospedes estrangeiros, as palavras seguintes :

«Tenho o prazer de felicitar, por parte dos commissarios de S. M. na exposição inter-nacional, os distinctos representantes dos povos estranhos, que nos honram tomando parte no festejo de hoje. A promptidão com que os seus governos accudiram ao convite do inglez, foi de muito apreço para o povo d'este paiz.

«Devo agora rogar aos srs. representantes especiaes que se sirvam receber o relatorio do conselho dos presidentes dos jurys. As decisões serão entregues aos commissarios de S. M. Solicitamos outrosim a coadjuvação dos srs. representantes especiaes, para fazer conhecidas no palacio as referidas decisões, porque será agradavel aos expositores dos differentes paizes, saber por intervenção dos distinctos representantes de suas proprias nações, a apreciação que os jurados fizeram de seus felizes trabalhos. Atravessando o palacio os srs. representantes especiaes observarão por certo, que a industria de todas as nações apresentou um desenvolvimento notavel desde a ultima exposição, desenvolvimento que, justificando a previsão de um principe illustre, que infelizmente já não existe, deve muito á facilidade prestada pela exposição á comparação do estado da industria de cada paiz, e assignala um ponto de partida a seus progressos ulteriores.»

Então Lord Taunton, presidente do conselho dos jurados, leu o interessante relatorio que se segue:

«Havendo o trabalho dos differentes jurys chegado ao seu termo, incumbe ao conselho dos presidentes explicar-vos o modo porque os mesmos jurys se constituíram, e o resultado de suas diligencias.

«Os jurys formaram-se de inglezes e de estrangeiros em proporções variadas. Os jurados inglezes foram escolhidos em primeiro logar pelos expositores, e tendo estas eleições sido cuidadosamente examinadas, os commissarios de S. M. nomearam as pessoas que pareceram ter o agrado geral do commercio,

ou do districto e quando as eleições não foram porém unanimes, os commissarios reaes seguiram a maioria, e em alguns casos guiando-se pelos desejos expressados pelos expositores de que fossem elles commissarios os que escolhessem as pessoas que julgassem possuidoras das qualificações necessarias, assim o fizeram.

«Os jurys das colonias foram compostos de individuos recomendados pelos differentes commissarios coloniaes.

«Aos estrangeiros que tomaram parte na exposição ficou o direito de nomear um jurado por cada classe em que houvesse vinte expositores, e por cada secção de classe em que houvesse quinze, ou então a alternativa de terem um certo numero em proporção do espaço que cada nação occupasse na exposição, alternativa que differentes paizes aceitaram. Os commissarios de S. M., sem prefixar qualquer proporção arbitraria entre o numero de jurados estrangeiros e os inglezes, nomearam comtudo tantos dos ultimos quanto a experiencia da primeira exposição mostrou ser necessario para o seu bom serviço.

«Foram sessenta e cinco os differentes jurys, grupados por modo que constituíram trinta e seis classes, ou jurys principaes correspondentes ás trinta e seis classes industriaes, em que se inscreveram, ou dispozeram os objectos concorrentes á exposição. Cada um d'estes jurys, quando subdivididos em secções, funcionavam com individualidade propria nos julgamentos que proferia. Todavia antes de se reputarem estes julgamentos como decisivos, eram apresentados perante o conselho, ou reunião dos trinta e seis presidentes, de que dependia a sanctão definitiva. Os presidentes que formavam o conselho, e regulavam os trabalhos dos jurys, foram nomeados pelos commissarios de S. M. de entre os jurados das differentes nações, cujo numero foi regulado pelo espaço que lhe fora distribuido no palacio. O conselho foi presidido sempre por pessoa nomeada pelos commissarios de S. M.

«Os commissarios de S. M. deliberaram que só uma especie de medalha fosse concedida pelos jurys. Este arbitrio facilitou muito o trabalho dos jurys, e tornou necessario distinguir apenas a excellencia do producto onde fosse encontrada, sem apreciação da competencia suscitada pelo que lhe ficasse inferior. Á medida que os trabalhos dos jurados se adiantavam, entendeu-se que muitos artigos tinham uma excellencia especial, que merecia menção particular, que lhe não constituia comtudo titulo bastante a uma medalha: por isto, com quanto importasse certa

infracção ao principio assentado desde o principio, o conselho dos presidentes accedeu ao desejo dos jurados, permittindo que estes casos fossem classificados, e publicados sob o titulo — de menções honrosas.

«Os jurados, e seus associados que se empregaram no exame dos objectos da exposição foram seiscentos e quinze, dos quaes duzentos e oitenta e sete estrangeiros, e trezentos e vinte e oito inglezes. São pessoas de alta posição social, scientifica ou industrial, escolhidas em quasi todos os paizes civilizados do mundo. Seus trabalhos duraram dois mezes, e foram dos mais difficeis, tendo de examinar pelo menos vinte e cinco mil objectos. Quasi se não devia esperar que artigo algum dos vindos á exposição, pudesse escapar á sua attenção. Em alguns, mas poucos casos, a demora na chegada, ou na collocação, tornou quasi impossivel aos jurados examinar sem excepção todos os objetos que actualmente se encontram no edificio, em quanto por outro lado e tambem em casos excepçioaes se apresentaram duvidas sobre competencia, isto é sobre quaes deviam ser os jurados interventores. Empregaram-se todos os exforços para vencer estas difficuldades, e as ommissões, se algumas apparecem, se deverão attribuir a qualquer outra causa, que não á falta de attenção por parte dos jurys, ou dos empregados destinados a facilitar-lhes o trabalho.

«O numero de medalhas votadas pelos jurys sobe a perto de sete mil, e as menções honrosas a cinco mil e trezentas.

«A proporção de premios aos expositores é maior que em 1851, mas menor que na exposição de 1855.

«Apezar das mui diversas nacionalidades representadas nos jurados é grato recordar n'este logar que a melhor harmonia prevaleceu entre elles durante todo o tempo em que se reuniram para os seus trabalhos. A dependencia mutua, e a alliança intima das differentes industrias do mundo, tornaram-se manifestas pelos esforços imparciaes e zelosos dos jurados das differentes nações, reconhecendo, e recompensando os objectos apresentados pelos seus competidores industriaes.

«Folgamos em observar que o estado da industria relevou na exposição internacional um progresso activo, e seguro por todo o mundo civilizado, porque em quanto achamos cada nação em procura de materias não aproveitadas até hoje, ou tirando partido de productos havidos sem applicação, maravilha-nos por outro lado o vastissimo melhoramento nas machinas adoptadas a fins industriaes, á applicação da sciencia e ao triunfo da grande attenção dada modernamente ás artes indispensaveis ao desenvolvimento do gosto, e ao sentimento do bello.

«Não concluiremos este relatório sem expressar o nosso reconhecimento ao Dr. Leão Flayfair, commissario especial dos jurys, pela constante e intelligente coadjuvação que nos prestou durante os nossos trabalhos, bem como aos Srs. Deputados Commissarios, e secretario, que se empregaram sob a sua direcção, dando prestantissimo auxilio aos differentes jurys durante as suas indagações.»

(Continúa.)

POETAS E PROSADORES

(CARTAS A ERNESTO BIESTER)

II



ste Julio Cezar Machado, que ahi vês tão medrado no folhetim e no romance, conheci-o, ha treze annos, com todas as meninices de espirito e rosto. Não sei como elle foi dar comigo a escrever o «Anathema» n'um cubiculo da rua do Oiro. O que me lembra é que mesafu muito engraçado o Machadinho, e fiquei admirado, quando me elle disse que tinha um romance em começo, e muitos romances embrionarios. Parece-me que o romance começado se chamava «Estrella d'alva.» Bem escolhido titulo para a alvorada de um esplendido dia!

Mandei publicar na «Semana» jornal litterario, o começado romance do pequeno, cuidando que elle se deteria a compor e recompor a continuação, por algumas semanas.

Um dia, sentou-se Julio á minha banca, pediu-me papel, e escreveu ali mesmo a continuação do romance, conversando ao mes-

mo tempo, em variados assumptos academicos, desde a escola realista da novella franceza até ao nariz aquilino da minha visinha.

Conheci o pae de Julio Cezar Machado. Era um sujeito de trinta e tantos annos, se me não engano. Penso que foi o filho que m'o apresentou. O bom pae, quando me via, apertava-me affectuosamente a mão, e dizia: «Desenvolva-me o rapaz que tem geito para as letras.» Isto era-me dito com sympatica vaidade, e muita alegria de esperanças.

Esperanças!... O pae de Julio Cezar morreu dois annos depois, legando ao filho o coração identificado no coração da viuva, um thesouro de que o romancista nos tem mostrado as joias, aquella amada e amantissima senhora em volta da qual o bom filho vae, ás temporadas, colher as melhores flores dos seus livros.

Julio Cezar ficou ahí em Lisboa, n'este deserto de Lisboa sem maná do céo, sem anhelos da terra de Chanaan, e assim, desamparado da miraculosa influença que alentava o povo hebreu, Julio Cezar realizou o milagre de viver.

A meu juizo, a maxima prova da fortaleza do homem está no aguentar-se um litterato nos quatro annos de iniciação, n'este infernal mister de escriptor. O sr. A. Herculano diz ironicamente e aviltantemente para o homem: «Gloria ao rei da creação que, tiritando, geme!» O eminente historiador, em hora de menos zanga, teria visto a grandeza do homem no seu mais admiravel modo de ser, e diria: «Gloria ao rei da creação, que, escrevendo, vive!» Esta exclamação, porém, não seria entendida no estrangeiro, onde cada escriptor com o renome de Julio Cezar Machado faz suppôr, pelo que consome, que tem uma serie descendente de estomagos, e que morre devorado por prazeres.

N'aquelle tempo em que Julio começou a escrever, os editores e os empreiteiros de jornaes eram uns facinoras. Lopes de Mendonça, aquelle brilhante espirito que já agora só tem olhos para ver trevas antepostas á sepultura, escrevia folhetins a doze mil réis por mez. Os doutissimos em sciencia de governar as nações, alçapremas que erguiam, derrubavam governos, e ameaçavam dynastias, escreviam a razão de quatro centos e oitenta réis o artigo. Estes varões desinteresseiros, mormente os ultimos, davam a lembrar heroicos talentos de Grecia e Roma, que desciam á Ágora e ao Forum a salvar, por muito menos, as republicas, e iam contentes para casa, com uma corôa cívica de carvalho ou de outro qualquer vegetal barato. Os primeiros, poetas e romancistas, como Eschylo ou Apuleio, tambem não eram mais arremessados em ambições, nem davam ao diabo o engenho quando *tantalizavam* diante das vidraças do Matta. Devia então ensaiar-se, pelo menos com os lit-

teratos, em Portugal, um todo-nada do regimen da Arcadia. O editor Lopes seria o primaz na gloria de arregimentar os escriptores em bando de *barditos* para quem a bolota das selvas germanicas eram pasteis de nata.

Voltando ao nosso Julio, meu caro Biester: penso que a primeira onda do Pactolo, que lhe innundou as algibeiras, rompeu do theatro do Gymnasio para onde Julio Cezar inventava, imitava, e traduzia comedias; mas aquella rica onda era má por ser digestiva de mais: os cobres, que apremiavam o escriptor novel, eram logo consummidos n'ella, como acontece em Cantanhede, na «fonte das ferrenças» cujas aguas, no dizer do oratoriano Bernardes, até o ferro comem. Aqui ha finos pespontos de allegoria, se me não engano. N'estes embelecocos do discurso só dão boa saida os engenhos preclaros, como diz Aristoteles... *qui præclari sunt ingenii*.

O primeiro livro de Julio Cezar, de que tenho noticia, era uma collecção de romancinhos, mui ligeiramente escriptos, muito imaginosos e apoucados em verdade. A linguagem não era mais portugueza que a fórma. Os personagens eram lá de fóra. Julio Cezar não achava aqui vida para observar e trasladar. Era como ave mal implumada, nascida em montados calvos, que se namora dos arvoredos vistos ao longe, e, ao voejar para elles, cae de fraca para tamanho impeto.

Deu depois alguns dramas, que nunca vi, e em seguimento a *Vida em Lisboa*, romance de estreitas dimensões, mas exactissimo, a meu ver nos pontos observados em curtos horisontes. O dizer peccava ainda por mui afrancezado; era, porém, assim o genuino dizer dos personagens na vida real. O auctor não intrançou no entrecho, se quer, um professor de primeiras letras com vaidades de ter lido o frei Luiz de Souza. Eram rapazes e raparigas que fallavam, como viviam, muito á franceza. Por este lado não se ha de acoimar o romance.

Appareceu Julio Cezar folhetinista, e muita gente disse que a feição mais litteraria do escriptor era o folhetim. Quem assim o conceituava, chamando-lhe Janin ou Planche, conferia-lhe diplomas que valem mais que os de grande romancista ou grande poeta. Saber muito, e saber dizer o muito que sabe com muita graça, parece-me ser a condição de algum folhetinista bem sorteado. Possuir um sem o outro dos predicados é meia vocação, meia gloria que não vinga jámais a metade que lhe falta.

Julio Cesar Machado tinha a clara e fluente linguagem, que o genero requer; tinha ironias e remoques commedidos, como a cortezaniamanda; realçava no bem discernir o quilate das operas cantadas, do cantor louvavel, e do actor intelligente; achava de

prompto finas pedras do livro novo, e assoprava mui delicadamente o cisco em que se deslapidavam, de geito e modo que não fosse incommodar os olhos do auctor. Estes felizes attributos deram ao folhetinista de diversos jornaes um bem ganhado e suado nome. O vasio que eu, porém, achei nos seus folhetins era justamente o que lhe tem acareado muitos amigos: minguavam em critica, doutrina, conselho, e ensinamento. Ora, esta falta não se hade arguir ao entendimento de Julio Cesar: é uma virtude n'elle, bondade de coração, dom que elle trouxe algum tanto abastardado de Pariz, porque, já n'um d'estes ultimos dias, o vimos mofando de si proprio, á conta das phrases sacramentaes com que elle saudava um livro novo, ou canonisava um actor velho.

O que eu nunca vi foi escriptor mais sutil e engenhoso no dar noticia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admirar-a, e quer, á fina força, que o mundo esteja com a sua admiração. N'estes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes entallado, é que está a expiação do talento. «O auctor vae ficar contente — dirá entre si Julio Cesar — mas a critica dos meus irmãos em letras que juizo fará de mim?» Scisma, e accrescenta: «Digam o que quizerem: mais me pago da gloria de ser bom que da gloria de ser justo.» Formosa alma!

Julio Cesar escreveu tres biographias de actores, e a da cantora Lotti. Ainda as releio com prazer. Até o estylo lhe enfeitaram as graças lusitanas n'aquellas boas horas em que nos deu o mais relevante cunho do seu engenho. Parece-me admiravel a biographia de Tabora; é extremamente chistosa a de Sargedas e Izidoro; tem raptos de levantado sentimento e poesia a de Lotti.

Popularisou-se singularmente o livro denominado: «Contos ao Luar.» Raro jornal ficou silencioso á saudação dos romancinhos que tinham sido impressos em jornaes, e (esquisitice da caprichosa voga, que libra em juizos do mundo!) despercebidos á primeira leitura. O merecimento dos «Contos ao Luar» é o da singeleza, e da summa verdade. Julio prima na graça, na naturalidade, — não amaneirada, a mais artificial de quantas ha — do dialogo; e accelera habilmente as descripções, como quem sabe até onde chega o folego do leitor. E, depois, vae muito no ar infantil com que diz as coisas que até os velhos amam ler, como se lh'as dessem na verdura dos annos. A boa mãe, ou o bom filho que leram a dedicatória das «Scenas na minha terra» deviam ficar querendo muito da alma ao livro. N'estes mimos de intelligencia, e — para assim o dizermos — juvenialidades affectuosas que nos vem sympathicamente alvoroçar, é que está o melhor, a magia do condão litterario de Julio Cesar.

Por que é que o publico deu menos valor ás «Scenas na minha terra?» Isso é que eu não sei, meu amigo. Pois vê tu que ha n'este volume umas vinte paginas finaes que sobrelusem a quantas por ahi vivem na memoria das incansaveis leitoras dos «Contos.» Ali, o amor tinha uma philosophia, a desgraça tambem, o coração uma authopse, e cada quadro uma explicação minudenciosa desde os longes do horisonte até aos contornos da primeira luz. Julio Cesar entrou-se da sua idéa, burilou-a, deu-lhe as grandes formas dos mestres mais venerados, e enganou-se com o seu mundo.

Eil-o aqui está emendado nos «Passeios e Fantasias.» Isto é mais leve, mais ao correr da imaginação, (que corre para Pariz), mais conversavel, e feminil. O romance de Theophilo Gautier — *Jean e Jeannete*, penso que é — está primorosamente imitado. Ri mui de vontade com o baile da negraria, originalissimo, como muito mais que o auctor não pediu emprestado a Gautier. Invejo tudo que é dizer depressa, e dar-me completa idéa do que eu só poderia examinar em muitas horas. Isso tem o nosso Julio sempre, com o sobrelevante merecimento de raro falsear as cores e as vozes. Os outros escriptos d'este volume, mais ou menos cuidados na phrase, leem-se aprazivelmente. Ha uma graça que é universal, seja qual for a lingua que nol-a dê. Uma coisa ha ahi chamada «graça portugueza» que eu não sei bem o que seja. O grande Garrett foi quasi sempre engraçado em francez no Arco de Sant'Anna. Se chamam *graça portugueza* aos chistes da «Eufrosina» e dos «Vilhalpandos» e do Gil Vicente, Deus nos accuda, que não ha maior desgraça, nem do antro de Trophonius eu creio se possa sair mais carrancudo que da leitura d'aquelles modêlos de chiste nacional!

Temos conversado a respeito de Julio Cesar.

O que eu aneio agora d'elle é o livro de Pariz, com as muitas novidades de um espirito observador, novidades em nossa lingua, não imitadas de alguns máos livros que por ahi correm de viagens, e recordações de viagens. O Julio não nos hade dar historias engenhadas no quarto do hotel, ou a bordo do vapor. Diga-nos as impressões das pessoas e das coisas, sinceras e naturaes, de modo que a suspeita de serem phantasias nos não venha agoar o prazer de termos no seu livro a photographia moral de Pariz. Bem sabe elle como é rapido o photographar, e bem sabemos nós que não devemos pedir-lhe mais que o esboço das coisas, aperfeiçoado depois pelo sexto sentido do talento. Dois mezes para estudar a capital do mundo! Não faz milagre nenhum o Julio! Eu tenho fallado com muitas pessoas que lá estiveram menos tempo, e trouxeram nada menos, que todos os monumentos de Pariz n'um cadernito que lá custa quatro sous.

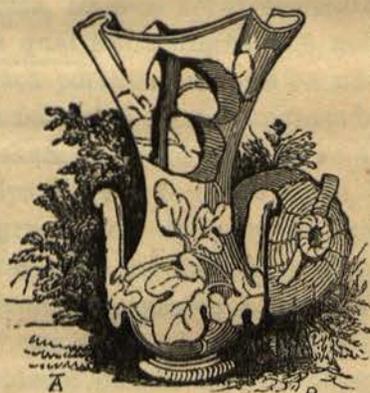
O que devemos esperar de Julio Cesar é um livro muito divertido, muito risonho, e todo graças characteristics do seu original estylo. O laborioso moço escreverá assim muitos, hauridos por esse mundo, com o meio punhado de oiro a que deixar hypothecado o seu talento. Decorridos annos, quando a fadiga lhe esfriar o engenho e a vontade, vá Julio Cesar bandear-se com a caterva de san-deus, que enxameam ás portas das secretarias, e grite bem alto: «Aqui estou eu que tambem não sirvo para mais nada. Agora sim: mereci uma collocação na republica!»

Teu dedicado

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



CHRONICA LITTERARIA



ello e florescente tem sido este anno para as letras. As obras secedem-se e multiplicam-se; umas apontando novas e brilhantes vocações, outras confirmando superiores e vigorosos engenhos. Festeja-se e registra-se, quasi ao mesmo tempo, o apparecimento de *D. Jaime ou a Dominação de Castella*, dos *Versos de Bulhão Pato*, das *Coróas fluctuantes*, do segundo volume da *Histotoria de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, do *Coração, Cabeça e Estomago*, das *Poesias e Phantasias*, das *Memorias do Carcere*, das *Tradicções e Phantasias*, e finalmente para rematar, para corôar tão lisongeiro desenvolvimento intellectual, publica-se *Ovidio e Castilho*, um grande monumento litterario. Tal publicação é um serviço e uma gloria nacional. Eis o que diz Mendes Leal sobre a versão dos *Fastos* n'uma primorosa e erudita nota ao titulo do poema :

«Na impossibilidade de relatar e especificar todas as excellencias, que tornam esta versão dos *Fastos* um verdadeiro thesouro litterario limitar-me-hei a mencionar duas, entre outras, relevantissimas prendas, por serem das mais raras e qualificadas. É a primeira aquella perpetua invenção de linguagem, que dá ao nosso Ovidio tantos ares de parentesco e intimidade com o romano, e põe em tão perfeita correspondencia os dois monumentos. É a segunda

aquelle santo amor da antiguidade, que se contrahe nos grandes estudos, que inflamma os grandes engenhos, e sem o qual fôra impossivel pôr tão acabada mão em obra tão profusa.

Só possuindo como o sr. Castilho, uma inexaurivel minã de termos, um viveiro sempre renascente de locuções originaes, uma facilidade admiravel em variar a textura da phrase, se nos podia ahi repôr o proprio espirito latino em poesia de tanto sabôr nacional. Sob o véo opulentissimo d'esta versificação de uma harmonia tão portugueza, não crêdes como distinguir todas as fragancias e aromas, os mais subtís, dos fecundós vergeis do Lacio, viçados e reffloridos em terra nossa e ao sol dos nossos dias?

Mede o entendimento com pasmo a grandeza do esforço necessario para realisar esta que é ao mesmo tempo identificação e transfiguração.

É n'essas paginas a antiguidade tão formosa, tão careadora dos animos e vontades, tão *nova* emfim, que para aqui parecem talhados, e como expressamente feitos para o nosso segundo Ovidio, — segundo só na ordem dynastica, — estes versos, de La Motte, creio, com que ponho ponto, forçado das instancias do tempo, n'estas paginas bem inferiores aos meus sentimentos e desejos:»

Digne de l'univers, l'univers pour l'entendre

Aime à redevenir latin.

Transcrevendo esta apreciação o chronista, intendeu fazer o que devia. Aventurar juizo sobre tão elevado e difficil assumpto, não cabe nas suas forças, nem elle, a exemplo de muitos criticos ou critiqueiros que por ahi se acotovellam, gosta de fallar a torto e a direito, quer louvando quer deprimindo, de coisas para que se não julga competentemente habilitado. O que o chronista fez tão contente da aquisição como penhorado da dadiva, foi dar um logar de honra aos *Fastos* na sua livraria entre os primeiros e mais predilectos, entre aquelles que se consultam para estudo e que se relêem sempre com aproveitamento.

Accrescentarei sómente que me gloriou a offerta dos *Fastos*; gloriou-me por que veio provar-me que o seu mais humilde discipulo foi lembrado do mestre. Oxalá que no futuro possa aquelle honrar tanto este, como hoje o admira e venera.

Vou agora consagrar o pequeno espaço que já me resta de chronica ás *Memorias do Carcere* de Camillo Castello Branco. Fabulosa imaginação, insondavel talento! Só n'este anno, contam-se-lhe os livros novos pelos mezes, além dos artigos dispersos nos jornaes. E em todas as obras o mesmo cunho portuguez de lei, a mesma

originalidade, o mesmo interesse, a mesma graça natural, o mesmo sentimento! Para medir a fecundidade do seu engenho basta ler os *Doze casamentos felizes*, as historias de sete mulheres no *Coração, Cabeça e Estomago*. N'estes pequenos quadros ha uma variedade de typos, uma abundancia de enredos, que só nas comedias de Scribe se encontram iguaes. Entre os romancistas, duvido, ou pelo menos, não conheço outro mais fertil.

As *Memorias do Carcere*, recordam uma época triste para o auctor, mas assignalam tambem, como livro, um dos seus melhores diplomas litterarios. É uma miscellanea curiosa de biographias, de historias, de contos, que se lêem com avidéz, e que deixam n'alma pungentes impressões. Tudo foi estudado, sabido e averiguado na prisão. São verdadeiras memorias e retratos verdadeiros.

N'um dos ultimos capitulos que fecha o livro resgata Camillo uma carta imprudente que escrevêra da cadeia e que fôra publicada nos jornaes. Parece-me acertado copiar esse trecho :

«Mezes depois voltou S. Magestade á cadeia. Receava-me eu de ser mal-visto do monarcha, á conta de uma imprudente carta que estampeei nos jornaes. Revivo com desprazer a causa. Dissera-se que eu recebêra dois contos de réis, dadiva do soberano. Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebêra, como certissimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calumnias que por aqui me assaltam, e eu esmago entre a sola e a alma. Quando, porém, um respeitavel cavalheiro e amigo, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa, dizendo que o sr. Conde da Ponte me fa enviar dois contos de réis por ordem do rei, apressei-me a desmentir a calumnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta.

A minha carta era necessaria; as phrases é que peccaram de leviandade de orgulho. O rei, que entre as suas maximas virtudes preluzia na delicadeza, que doura todas, certamente não mandaria esmolos ao homem que tinha a facil coragem do suicidio, antes da angustiosa fraqueza de as pedir. Ora eu sabia que nenhum escripto de certos jornaes era extranho a el-rei, e a minha carta fôra publicada em alguns, e encarecida n'outros como briososa acção.

D'isto me accommettia o receio de ter-me malquistado com a primeira benevolencia do rei.

Enganei-me. O sr. D. Pedro v era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.»

Vê-se que do coração, e com o coração escreveu estas linhas.

ERNESTO BIESTER.